

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Júlia Cizik Franco**

**A fundação do inconsciente e sua relação com as determinações parentais:  
um estudo teórico-clínico apoiado na obra de Silvia Bleichmar**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**São Paulo**

**2023**



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Júlia Cizik Franco**

**A fundação do inconsciente e sua relação com as determinações parentais:  
um estudo teórico-clínico apoiado na obra de Silvia Bleichmar**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Doutor Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.

**São Paulo**

**2023**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Cizik Franco, Júlia

A fundação do inconsciente e sua relação com as determinações parentais: um estudo teórico-clínico apoiado na obra de Silvia Bleichmar / Júlia Cizik Franco. -- São Paulo: [s.n.], 2023.

90p. ; 21 x 29,7 cm.

Orientador: Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.  
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.

1. determinações parentais. 2. constituição psíquica. 3. Silvia Bleichmar. 4. fundação do inconsciente. I. Mendonça Figueiredo, Luís Cláudio . II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica. III. Título.

CDD

**Júlia Cizik Franco**

**A fundação do inconsciente e sua relação com as determinações parentais:  
um estudo teórico-clínico apoiado na obra de Silvia Bleichmar**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Doutor Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC-SP

---

Profa. Dra. Isabel da Silva Kahn Marin

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC-SP

---

Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho Instituição: Universidade Federal de Minas

Gerais UFMG



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 88887.598083/2021-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Finance Code 88887.598083/2021-00.



## AGRADECIMENTOS

Ao orientador Prof. Luís Cláudio Figueiredo, pelas aulas inquietantes e produtoras sempre de muito pensamento. Pelo rigor ao fazer pesquisa, pela generosidade como professor e orientador;

Às professoras Isabel Kahn e Maria Teresa de Melo Carvalho, pela leitura atenta e minuciosa da dissertação para a qualificação e pelas contribuições que foram fundamentais para o texto em seu formato final. Também pela participação na banca de defesa;

Ao grupo de orientação, pelas trocas sempre tão férteis. Pelas leituras cuidadosas e contribuições ao meu trabalho, pela seriedade e pelo comprometimento;

A Sandra Ungaretti, pelos anos de supervisão e acompanhamento do meu trabalho clínico. A forma viva como se relaciona com a teoria, sem perder a sensibilidade para as surpresas, inspira meu trabalho. Pelas leituras conjuntas da obra de Silvia Bleichmar e por suas leituras minuciosas do meu texto;

A Zeca Moura, pelas supervisões desconcertantes;

A Maria Dias e Mazé Bugni, pelas supervisões instigantes na formação de Psicanálise com Crianças no Sedes Sapientiae, quando colocávamos as ideias de Bleichmar para trabalhar;

A Renata Guarido, com quem compartilhei meus questionamentos quando ainda muito incipientes, e cuja ajuda foi fundamental para circunscrever meu objeto de pesquisa;

A Glaucia Faria, pela aposta lá no início de minha formação. Pelo encantamento contagioso pela escuta clínica;

Aos meus pacientes, em especial Vinícius, Maria e Rafaela;

A Clara Kok, amiga querida, pela habilidade com as palavras e contribuições na escrita;

Aos meus pais, Sergio e Neusa, pelo amor turbulento e imenso. Por aguentarem tanto, por serem uma família que tem se mostrado capaz de se transformar e também de cuidar;

À Luiza, minha irmã amada, parceira de caminhada;

A todos que cuidaram da Joana para que eu pudesse escrever a dissertação;

A Marcelo Labaki, pela escuta paciente. Por sustentar um tempo dilatado em momentos de tanta urgência. Pelas palavras que têm poder de virar janelas;

À Joana, que chegou transformando tudo, inclusive minha relação com a psicanálise. A vida tem sido mais bonita desde a sua chegada;

Ao Pedro, pelas incontáveis leituras do texto, sempre com entusiasmo. Por sua maneira corajosa de viver;

À CAPES, pela bolsa concedida.

## RESUMO

No presente trabalho investigamos de que modo se inscrevem e retranscrevem os elementos que constituem os primórdios do psiquismo de uma criança, elementos provenientes do adulto das origens (pais ou cuidadores). O estudo de caso de uma criança com entraves nos processos de constituição de seu psiquismo serviu de inspiração para o aprofundamento na teoria das origens, elaborada pela psicanalista Silvia Bleichmar, em cujos conceitos fundamentais (narcisismo transvazante, dupla função materna, sintoma *versus* transtorno) apoiar-nos-emos. Bleichmar, orientada pelos ensinamentos de Jean Laplanche, supõe um adulto das origens, com função central como um “outro”, que endereça à criança algo da ordem da sexualidade adulta, a qual esta não tem condição de traduzir. Essa parasitação de inscrições que vêm dos diferentes sistemas da mãe “inscrevem-se em terra de ninguém”, caem como signos de percepção e em um momento posterior se retranscrevem. Certas inscrições, efeitos de traumatismos severos, não atingem o estatuto de inconscientes e ficam entregues a uma circulação ameaçadora para a tópica psíquica, cuja estabilidade põem em risco. Afirmamos que quando o analista está diante de um psiquismo com entraves na fundação de seus andaimes, faz-se necessário rever a estratégia clínica no sentido de um tratamento de ligação. No caso que apresentamos, a razão de análise será a construção de um sujeito a partir de intervenções simbolizantes, mirando a fundação da tópica psíquica. Nessa busca, além do atendimento individual, exige-se um trabalho conjunto com os vários espaços de circulação da criança e suas principais vinculações. Portanto, sustentamos que não é a mãe nem seu desejo que se inscreve no inconsciente da criança, mas algo que passa desqualificado, metabolizado, efeito de processos de excitação que a cria humana tenta dominar, ligar, retransformar. Esse processo secundário, ativo, de busca de sentido e de simbolizações por parte da cria humana depende do caráter das relações estabelecidas com suas figuras parentais. Aquilo que se inscreve no inconsciente trata-se de elementos estrangeiros tanto aos adultos quanto às crianças. Ao longo da pesquisa, percorremos as condições para que esse material seja reapropriado como terreno fértil para constituição de um psiquismo capaz de construções criativas. Rastreamos, por fim, quais são os sinais de quando essas condições não estão sendo suficientemente alcançadas.

Palavras-chave: determinações parentais; constituição psíquica; Silvia Bleichmar; fundação do inconsciente



## ABSTRACT

In the present work we investigate how the elements that constitute the roots of a child's psyche are inscribed and retranscribed, elements derived from the adult of the origins (parents or caregivers). The case study of a child with obstacles in the processes of constitution of his psyche served as inspiration for the study of the theory of origins, elaborated by the psychoanalyst Silvia Bleichmar, in whose fundamental concepts (transvazanting narcissism, double maternal function, symptom versus disorder) we will support ourselves. Bleichmar, guided by the teachings of Jean Laplanche, supposes an adult from the origins, with a central function as an "other", who addresses to the child something of the order of adult sexuality, which he is not able to translate. This parasitization of inscriptions that come from the different systems of the mother "subscribe in no man's land", fall as signs of perception and at a later moment retranscribe. Certain inscriptions, effects of severe trauma, do not reach the status of unconscious and are delivered to a threatening circulation to the psychic topic, whose stability puts at risk. We affirm that when the analyst is faced with a psyche with obstacles in the foundation of his scaffolding, it is necessary to review the clinical strategy towards a binding treatment. In the case we present, the reason for analysis will be the construction of a psychism coming from symbolizing interventions, aiming at the foundation of the psychic topic. In this search, in addition to individual care, we require a joint work with the various spaces of the child's circulation and their main bindings. Therefore, we maintain that it is neither the mother nor her desire that is inscribed in the unconscious of the child, but something that passes disqualified, metabolized, effect of processes of excitation that the human infant tries to dominate, bind, retransform. This secondary, active process of seeking meaning and symbolization on the part of the human infant depends on the character of the relationships established with their parental figures. What is inscribed in the unconscious is a foreign material for both adults and children. Throughout the research, we have covered the conditions for this material to be reappropriated as fertile ground for the constitution of a psyche capable of creative constructions. We also tracked, finally, what are the signs of when these conditions are not being sufficiently achieved.

Keywords: parental determinations; psychic constitution; Silvia Bleichmar; foundation of the unconscious



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 CASO VINÍCIUS</b> .....	25
1.1 Momento 1: a chegada.....	25
1.2 Momento 2: com Vinícius, tudo escorre.....	26
1.3 Momento 3: aos poucos, vou podendo participar.....	28
1.4 Momento 4: com a mãe.....	30
1.5 Momento 5: a mãe com filho; o pequeno carrega muita coisa.....	32
1.5.1 Sessão 1.....	32
1.5.2 Sessão 2.....	33
1.5.3 Sessão 3.....	33
1.5.4 Sessão 4.....	33
1.6 Momento 6: com o padrasto.....	34
1.7 Momento 7: todos estão em guerra.....	35
1.7.1 Sessão 5.....	36
1.8 Momento 8: com a escola.....	37
<b>2 A TEORIA DAS ORIGENS, DE SILVIA BLEICHMAR</b> .....	41
2.1 Os primórdios da excitação.....	41
2.2 A dupla função da mãe.....	43
2.3 Narcisismo transvazante.....	48
2.4 Os dois tempos do recalque originário e a fundação do inconsciente.....	51
2.5 Transtorno <i>versus</i> sintoma.....	55
2.6 Do motivo da consulta à razão da análise.....	56
<b>3 REALIDADE EXTERNA E O APARELHO PSÍQUICO EM CONSTITUIÇÃO</b> .....	61
3.1 Modelo tradutivo do psiquismo, mensagens enigmáticas e metábole.....	61
3.2 Aparelho psíquico constituído a partir de inscrições provenientes do exterior, sobre tempos reais.....	72
3.3 Neogênese e aparelho psíquico aberto ao real.....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	87



## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa pretendemos investigar os processos ocorridos nas raízes da constituição psíquica de uma criança em sua relação com o psiquismo dos pais ou do cuidador. Para tanto, partiremos inicialmente do material clínico provindo de um atendimento de criança, que instigou os seguintes questionamentos: como incide o desejo da mãe no psiquismo de seu filho? Que lugar ocupa o intersubjetivo nas origens do sujeito? Como a incidência dos elementos do real externo o afeta ao longo da vida?

A pergunta motivadora deste trabalho surgiu a partir da prática clínica, no atendimento de crianças, e posteriormente se transformou em uma questão teórica para ser pesquisada. A experiência clínica que embasa tal pergunta de pesquisa é proveniente dos trabalhos que realizei de 2013 até a presente data. São diferentes ambientes de atuação clínica, porém com pontos de convergência entre eles. Faremos uma breve descrição dessas práticas para justificar a origem clínica da questão a ser pesquisada.

Desde a graduação em Psicologia na Universidade de São Paulo (USP), meu interesse se voltava para os primeiros tempos da constituição psíquica. De 2013 a 2015, ainda na USP, fui estagiária do Núcleo de Educação Terapêutica, no qual atendíamos em grupo crianças com severos entraves na constituição de seu psiquismo. Dessa prática resultou a pesquisa teórico-clínica de Iniciação Científica intitulada *Acompanhamento clínico-educacional de crianças com transtornos no desenvolvimento*,<sup>1</sup> orientada pela prof. Maria Cristina Kupfer.

Em 2014, como estagiária, e entre 2016 e 2017, como psicóloga, trabalhei no Hospital Infantil Sabará atendendo as crianças internadas e suas famílias. Nessa instituição, a equipe de Psicologia era solicitada para investigar um número grande de casos em que os médicos não encontravam lesão de órgão que justificasse as dores das quais parte das crianças se queixava e para as quais o tratamento unicamente medicamentoso não era eficaz. Eram muitas as situações em que as relações familiares ocupavam lugar central na nossa escuta. Eu me perguntava sobre a possibilidade de que cada uma das crianças trilhasse um caminho próprio na construção de sua

---

<sup>1</sup> Iniciação científica realizada em 2014 com financiamento PIBIC. A pesquisa foi conduzida no Núcleo de Educação Terapêutica no Instituto de Psicologia a USP, a partir do acompanhamento de um grupo de crianças com problemas graves no desenvolvimento. No trabalho, recortes clínicos sobre o atendimento individual e em grupo de um garoto de nove anos introduziram a teorização da construção da estrutura psicótica por um viés psicanalítico. Questões relativas às leis foram ilustradas pelo caso clínico, com a intenção de pensar um tratamento institucional da psicose infantil baseado na educação terapêutica, concepção desenvolvida por Kupfer.

subjetividade, muitas vezes pensando em intervenções que tivessem efeito de descaptura da criança pelas relações familiares e pelas fantasias inconscientes parentais. Partíamos do entendimento de que haveria uma relação importante entre o psiquismo em constituição das crianças e as fantasias inconscientes dos pais em relação àquele filho. Tal relação não consistia em uma simples e direta causalidade, mas formava um emaranhado complexo que despertava meu interesse.

As indagações acerca dessa relação intrincada também se fizeram presentes em meu consultório particular, de 2015 até hoje. Desde então percorro um caminho contínuo no sentido de compreender o lugar dos pais na constituição psíquica das crianças e também o lugar dos pais na análise de seus filhos. Vejamos como a psicanalista argentina Silvia Bleichmar aborda tal questão:

Incluir ou não os pais no tratamento de uma criança, trabalhar com a família, realizar entrevistas de binômio, são opções consequentes de uma metapsicologia implícita em nossos atos clínicos, que acionam o dispositivo com o qual nos propomos o conhecimento e abordagem do objeto em cuja transformação estamos implicados. (Bleichmar, 1994b, p. 135).

Ou seja, a escolha do lugar dado aos pais na análise com crianças, assim como de outros elementos da técnica e do *setting*, está intimamente relacionada à “metapsicologia implícita em nossos atos clínicos” — isto é, a compreensão que se tem acerca da formação da subjetividade tem uma relação íntima com o manejo da clínica.

Já atravessada por essas questões provenientes da prática clínica e visando um aprofundamento teórico de tais questões, cursei, entre 2017 e 2020, a especialização de Psicanálise com Crianças no Instituto Sedes Sapientiae. Ali entrei em contato com autores que têm contribuições importantes para tais discussões, entre eles Françoise Dolto (e seu conceito de castração simbologênica), Piera Aulagnier (com a noção de violência da interpretação) e Ricardo Rodulfo (e sua ideia de mito familiar). Dentre os autores estudados, porém, um deles me pareceu especialmente fundamental no campo de estudo que adentraremos: Silvia Bleichmar, que tem Jean Laplanche e Freud como pilares de sua obra.

Bleichmar nasceu em Bahía Blanca no ano de 1944 e faleceu em Buenos Aires em 2007. Em entrevista concedida em 2001 à revista argentina *Fort-Da*, a psicanalista contou de sua trajetória: cursou Sociologia entre 1969 e 1971 e, faltando poucas disciplinas para se formar, divorciou-se, ficando sozinha com dois filhos pequenos. Nesse momento de sua vida, iniciou um

processo de análise que a levou a querer estudar Psicologia, e acabou ingressando no curso na Universidade de Buenos Aires entre os anos 1970 e 1971.

Desde o início de seus estudos psicanalíticos, Bleichmar realizava uma leitura minuciosa da obra freudiana e estava mergulhada na influência de Klein,<sup>2</sup> que era a principal corrente teórica da Argentina na época. É no final da década de 1960 que o pensamento de Lacan chega à Argentina, trazido por Oscar Masotta, através da publicação de *El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo* [O inconsciente freudiano e a psicanálise francesa contemporânea] (1969), tomado, então, como pertencente à linhagem lacaniana. Posteriormente fica mais clara a heterogeneidade de pensamento entre Lacan e alguns autores reunidos nesse livro — por exemplo, Laplanche.

Ariel Viguera, em seu artigo “El caso de Silvia Bleichmar: una recepción argentina del psicoanálisis francés contemporáneo” [O caso de Silvia Cheichmar: uma recepção argentina da psicanálise francesa contemporânea] (2019), conta do fascínio de Bleichmar ao entrar em contato com as propostas de um inconsciente não inato, mas sim efeito da ação sexual do outro e produzido no encontro com o semelhante. Um dos capítulos do livro de 1969 organizado por Masotta é “O inconsciente, um estudo psicanalítico” (1969 [1960]), de Jean Laplanche e Serge Leclair, apresentado por eles no IV Colóquio de Bonneval (1960). Bleichmar se interessou pelo pensamento do Laplanche no momento em que entrou em contato com esse texto, entendendo se tratar, na época, de uma extensão do pensamento lacaniano, como uma explicação mais clara daquilo que Lacan teorizava (Bleichmar, 2001a).

Em 1976, por meio de um golpe de Estado, instalou-se a ditadura militar na Argentina. Alertada de que seria procurada pelos militares, Bleichmar se exilou no México, onde viveu por dez anos. Nesse período, vinculou-se a um grupo lacaniano e trabalhou no Hospital Psiquiátrico Infantil de México. Foi assim que começou seu contato com Laplanche, por quem foi orientada em sua dissertação, *Nas origens do sujeito psíquico*, na Universidade Paris VII, onde desenvolveu seu conceito de recalque originário e trabalhou com os momentos de fundação do inconsciente, dando importância aos tempos reais (e não míticos, como propunha Lacan) da constituição psíquica. Em

---

<sup>2</sup> Bleichmar reconhece o grande valor que Melanie Klein teve para o desenvolvimento de sua obra. No capítulo 5 de *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito* (1994a), há o subtítulo “O que nos ensinou Mrs. Klein”, em que Bleichmar trata com admiração certas inovações kleinianas, tais como o grande respeito que a psicanalista inglesa tem pelas fantasias inconscientes e a maneira de trabalhar a sexualidade infantil com a criança.

1985, ainda no México, Bleichmar desenvolveu um trabalho com recurso da Unicef com grupos de crianças afetadas pelo Terremoto do México.

Em outra entrevista, também concedida em 2001, mas para a revista *Psychê*, Bleichmar afirmou: “a tópica de minha vida — que transcorre entre Argentina, México e França — me dava uma certa liberdade, porque não me produzia uma ‘claustrofobia’, um ‘fechamento’ nos relacionamentos imediatos” (Bleichmar, 2001a, p. 194).

Tal liberdade também se apresenta em seu trabalho com crianças, ao qual sempre se dedicou com grande apreço e que relata com bastante vivacidade ao longo de sua obra. Na entrevista para a revista *Fort-Da*, disse do prazer que sentia no atendimento de crianças (que realizava ao longo de quatro a seis horas diárias) e que não tinha a intenção de apenas supervisionar tais casos com o passar dos anos. Ela atribuía esse prazer ao respeito que tinha pelos questionamentos existenciais profundos das crianças. Além disso, ainda segundo Bleichmar, a psicanálise com crianças é um campo privilegiado para o estudo da constituição do sujeito.

Por muito tempo, em seu trabalho com crianças, Bleichmar não se mostrou satisfeita com os parâmetros e as ferramentas que encontrava para as indagações que suas experiências suscitavam:

Na realidade, quando comecei a trabalhar com crianças eu tinha uma insatisfação terrível: o modelo kleiniano me parecia rígido, articulado demasiadamente em um corpo de certezas. Francamente era impossível que se aceitasse esse modelo de interpretação. Era como um excesso do que Piera Aulagnier chamou de violência secundária, e, além disso, algo me soava discordante do ponto de vista do modelo do funcionamento psíquico. Já a proposta lacaniana era fascinante do ponto de vista teórico, mas tinha um problema sério: me deixava desprovida de um pensamento capaz de abordar os momentos prévios da criança, anteriores à linguagem. O modelo lacaniano partia do inconsciente constituído, e em tempos anteriores me remetia à estrutura parental; isso me deixava completamente desprovida de ferramentas tanto teóricas como práticas para trabalhar o inconsciente do sujeito em constituição. (Bleichmar, 2001b, tradução nossa).

Até aqui, em minha trajetória no atendimento com crianças, também surgiram inúmeras indagações sobre os momentos iniciais da constituição do sujeito. A seguir apresentarei uma breve passagem do Caso Maria, que ilustra como esses questionamentos apareceram no começo da minha prática.

Os pais de Maria, quatro anos, me procuraram queixando-se da agressividade da filha, uma criança “excessiva”, “insistente” e “chata”. Descreveram com incômodo situações em que viam a

filha como pouco empática, desde recém-nascida, segundo eles por ser desde sempre incapaz de perceber quão exaustos eles estavam. As noites eram particularmente difíceis: a menina dormia com a mãe, tinha terror noturno e também apresentava um quadro de enurese noturna. Os pais haviam se separado quando Maria estava com três anos, e questionavam-se se a separação podia ter afetado a filha, já que desde então ela se mostrava mais agressiva e impaciente.

A mãe, exaurida, descreveu uma filha que não saía de perto dela e não permitia que ninguém mais se aproximasse. Pedia colo constantemente, ficava chorosa e irritada e não suportava que ela se afastasse nem por um minuto.

Nos primeiros atendimentos com os pais, um segredo familiar foi ocupando lugar central na história de Maria: os dois não sabiam ao certo quem era seu pai. Em nenhum momento do relacionamento planejaram ter filhos — um desejo que não existia nem em comum nem em separado —, e a gravidez foi acidental. Com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais claro que de alguma maneira ambos sabiam que seu pai biológico era outra pessoa, mas haviam acordado que o marido assumiria a paternidade, contanto que essa dúvida nunca fosse revelada nem a Maria nem a ninguém. Apesar disso, a mãe contou que daquele momento em diante não esperava nada do marido; era como se tivesse engravidado sozinha.

Ao longo da gestação, a mãe de Maria havia sonhado com uma bebê marcada pelas características de outro homem com quem tinha se relacionado. Não queria ver os exames, não estava feliz, não ficou ansiosa pelo parto; ao contrário, sentia como se não precisasse nunca que a filha saísse de dentro dela. Não queria ver seu rosto e reconhecer as marcas daquela história, temendo que os traços da filha expusessem algo que queriam manter em segredo. Depois do nascimento, quando Maria chorava, a mãe acreditava que tinha de resolver tudo sem ajuda: a filha era só dela, e precisaria dar conta de sua bebê sozinha.

Em relação às fantasias parentais ao redor do nascimento da filha, eu me questionava desde o início do atendimento qual era o caldo de fantasia, desejo e não ditos que envolvia sua chegada ao mundo e banhava os primeiros cuidados que havia recebido. E mais: como Maria era afetada pelo que era proveniente do real externo? Estaria ela capturada, paralisada em um beco sem saída, condenada a um futuro ditado por um olhar externo de sua própria vida? Seria possível que conseguisse elaborar parte de sua história e seguir de forma criativa na construção de suas próprias fantasias?

Certa vez, a mãe de Maria me indagou se era possível que a filha tivesse sido “contaminada” pelos elementos que antecederam sua chegada ao mundo. Angustiada, falava sobre a expectativa de que não tivessem “passado isso” à filha. O que é “isso” que é “passado” dos pais aos filhos?

A presente pesquisa terá Silvia Bleichmar como enfoque central para a articulação com as questões provenientes da clínica. Faremos um recorte de seus escritos no sentido de nos aprofundarmos naquilo que ela entende por teoria das origens e fundação do inconsciente, buscando, assim, compreender a importância dada pela psicanalista aos tempos reais, o que leva à compreensão da fundação do inconsciente como processo, e não como tempo mítico.

Apoiar-nos-emos em conceitos fundamentais de Bleichmar (narcisismo transvazante, dupla função materna, sintoma *versus* transtorno), a partir do estudo principalmente de suas duas grandes obras, *A fundação do inconsciente: Destinos da pulsão, destinos do sujeito* (1994a) e *Clínica psicanalítica e neogênese* (2005). Assim como ela, seremos levados a recorrer a textos específicos de seus mestres, tais como a “Carta 52” (Freud, 1986 [1896]), em que Freud se corresponde com Wilhelm Fliess e apresenta uma proposta de um modelo tradutivo para o psiquismo. Também no sentido de embasar a teoria de Bleichmar, estudaremos a teoria da sedução generalizada, o recalçamento originário e o modelo tradutivo, além das noções de implantação, intromissão e metábole, proposições de Laplanche. Em alguns momentos, tangenciaremos diálogos que se deram entre as obras de Bleichmar e Laplanche, com o intuito de enriquecer e complexificar o entendimento dos conceitos-chave para nosso objeto de pesquisa.

Em seu capítulo “Do discurso parental à especificidade sintomática na psicanálise de crianças” (1994b), Silvia Bleichmar retoma duas importantes tradições da psicanálise com crianças: a que parte de Klein, responsável por introduzir esse campo como pertencente à psicanálise, e a que é proveniente do pensamento lacaniano. Sobre esses dois polos que fundamentam o pensar clínico, Bleichmar escreve:

A oscilação que presenciamos entre dois polos que operam constantemente no pensar os fundamentos da clínica — a corrente teórica que, sob a influência do kleinismo, concebe o inconsciente como existente desde as origens, e a constituição psíquica, em seu conjunto, desde uma determinação endógena, e a corrente que, proveniente do pensamento de Lacan, considera o psiquismo como efeito residual da introdução do filhote humano na cultura — determinou as grandes opções abertas no conjunto da psicanálise, cada uma com suas virtudes e impasses. (Bleichmar, 1994b, p. 136).

Distanciando-se da proposta endogenista de Klein, Lacan inaugura a relação entre inconsciente da criança e desejo parental, a qual, segundo Bleichmar, nos encaminha para importantes questionamentos. Se a criança é um sintoma da dupla parental, como ela mesma se constituirá num sujeito capaz de produzir seus próprios sintomas, desejos, defesas?

Entre esses dois grandes polos — Klein e Lacan —, a autora por fim apresenta os aportes teóricos aos quais se filia:

Em nossa busca de diferenciação e resgate, optamos, durante nosso trabalho, pelo eixo que dentro da obra de Freud abre as linhas possíveis para considerar o inconsciente como constituído, e não existente desde as origens de vida, efeito residual dos grandes movimentos que determinam os destinos pulsionais. Mas, ao contrário de qualquer estruturalismo, concebemos a realidade fundante do inconsciente infantil como aquela que, estando em relação com o inconsciente parental, não é, no entanto, o simples reflexo deste. (Bleichmar, 1994b, p. 138).

Bleichmar, em suas considerações sobre sua filiação na psicanálise com crianças, volta-nos ao eixo que sustenta este trabalho. Sua pergunta central parte da tentativa de estabelecer correlações entre as determinações parentais e como estas se inscrevem para o sujeito em sua trama psíquica singular. Como o sujeito em constituição é afetado por tais determinações?

A autora continua: “o histórico não se reduz ao factual narrado, e a função do discurso parental na análise de crianças não pode ser concebida senão como matriz simbólica de partida” (Bleichmar, 1994b). Daí partem inúmeras questões que julgo importantes quando se trata, por exemplo, dos atendimentos realizados com pais no sentido de lhes “orientar”. Como orientá-los se não há uma causalidade direta, uma relação linear, entre o acontecido em si mesmo e o sintoma da criança? Bleichmar aponta a necessidade de trabalhar as consequências (na criança) e as condições (ambientais) para que tal sintoma tenha se instalado, pois apenas trabalhá-lo com os pais não o modificaria, dado que o trabalho com as figuras parentais não anularia o fenômeno que já se instalou na criança. (Os pais referidos aqui são tomados não como função, mas como seres atravessados por suas fantasmáticas.)

Bleichmar concebe a fundação do inconsciente de um bebê na relação com a mãe,<sup>3</sup> cujo psiquismo, ao mesmo tempo que invade o bebê com sua sexualidade, dá os meios para elaborá-la.

---

<sup>3</sup> Ao longo deste trabalho, respeitando a tradição dos autores estudados, em especial Silvia Bleichmar, manteremos a denominação “mãe” para essa primeira e relevante figura na vida de alguém que nasce. Sabemos que Bleichmar não foi ignorante quanto ao caráter representativo dessa designação, ainda que isso não fique sempre explícito em seu texto. Sabemos também que, reflexo de sua época, em seus casos clínicos o papel principal de cuidado é exercido pela

Nesse momento inicial o bebê não tem ainda capacidade para lidar sozinho com esse material invasivo, esse excesso pulsional. Para a autora, o inconsciente provém do outro, mas sua fundação se dá como um processo de apropriação única do sujeito, já que a criança processa as inscrições e a sexualidade que vêm de fora (do adulto); trata-se de uma apropriação muito singular da criança daquilo que é implantado pelo inconsciente dos pais.

Em linhas gerais, Bleichmar coloca para trabalhar a teoria da sedução e o recalçamento originário, ambos modelos freudianos e pilares do processo de fundação do inconsciente. Esse processo é permeado por fatores materiais, de fantasia, relativos à sexualidade e ao narcisismo da mãe e também pela relação corporal que se estabelece entre um bebê e seu cuidador, que permitirão um movimento singular do sujeito no sentido de se apropriar desses primeiros processos.

Em nossa pesquisa, trataremos, portanto, de uma questão inicialmente surgida da prática clínica de atendimento a crianças e que será ilustrada com fragmentos clínicos de um caso, mas que se consolidou como questão teórica de pesquisa. O aprofundamento teórico dessa questão nos permitirá, em um momento ulterior, avaliar as consequências clínicas (com as crianças e com os pais) decorrentes das articulações teóricas.

Retomemos os objetivos de nossa pesquisa. Buscamos, portanto, traçar relações entre as determinações parentais e o inconsciente em via de constituição da criança, partindo dos registros do Caso Vinícius, que será apresentado mais à frente, e, mais especificamente, do quanto há de possibilidade criativa para que essa criança encontre saídas singulares para tal enredamento inconsciente. Quais são as condições necessárias para que seja possível para uma criança viver sua própria história pautada pelos próprios sonhos, em um elo criativo com suas figuras parentais?

Com a apresentação do Caso Vinícius, estabelece-se como objetivo secundário, articulado à discussão teórica, a busca do retorno à prática clínica, contribuindo para uma ampliação da escuta analítica no campo da psicanálise com crianças — sobretudo no manejo singular com os pais no atendimento de crianças.

No que diz respeito ao método, o presente trabalho é uma pesquisa teórico-clínica no campo da psicanálise. Inicialmente, realizamos uma escrita prévia detalhada do caso escolhido — relatos de atendimento com a criança, relato de atendimentos com os cuidadores, relato de atendimento familiar, relato de conversas na escola, produção gráfica, bem como brincadeiras realizadas em

---

mãe, apesar de muitas vezes referir-se a essa figura como “adulto das origens”. Chamamos atenção, portanto, para o caráter extensivo que procuramos dar àqueles que encarnam todas as funções contidas na palavra “mãe”, que poderia ser substituída por figuras parentais ou rede de relações primordiais.

sessão. Tal escrita prévia contou com leituras anteriores feitas em supervisão e, desde o início, foi orientada pelo eixo central que é tema da nossa pesquisa.

Após a escrita do caso, fizemos um recorte a partir da diferenciação entre as noções de sintoma e transtorno propostas por Bleichmar (1994a), sempre na articulação com o tema mais abrangente da incidência do inconsciente parental no psiquismo da criança. O caso em sua apresentação final virá desse momento da escrita.

As vinhetas clínicas apresentadas, que compõem um estudo de caso, serviram de inspiração para o estudo da já referida teoria das origens, de autoria de Bleichmar. Com isso, pretendemos aprofundar a compreensão sobre a função determinante dos pais e suas vicissitudes na fundação do inconsciente de uma criança, processo este entendido pela autora como marcado de saída pela relação com o semelhante. Por fim, articularemos suas ideias ao caso apresentado, a fim de ampliar as compreensões acerca do campo estudado. Em outras palavras, as vinhetas clínicas serão trazidas para ilustrar as questões provenientes da clínica, para em seguida despertar questionamentos em um campo teórico e ao final, a partir das articulações entre teoria e material clínico, aprofundar a compreensão clínico-teórica.

Todo o material clínico utilizado será ficcionalizado de forma a se tornar irreconhecível, garantindo a preservação do sigilo do paciente e seu entorno.



## 1 CASO VINÍCIUS

### 1.1 Momento 1: a chegada

Vinícius tem cinco anos quando começo a atendê-lo, encaminhado pela escola com queixa de agressividade. Os professores não entendem inúmeras ações suas, tais como esparramar o conteúdo das lixeiras pelos corredores; sair da sala de aula e se esconder por um longo tempo da professora, que se desespera e entende a atitude como uma afronta; quebrar objetos de uso comum e de outras crianças. São eventos cotidianos, que levam os pais de outras crianças a reclamar de Vinícius e a cobrar providências da escola. Essas queixas começaram quando Vinícius tinha dois anos, numa ocasião em que a diretora convocou sua mãe para uma reunião porque ele teria falado que mataria a auxiliar de classe quando foi contrariado durante uma brincadeira.

Em uma primeira conversa comigo, Valéria, a mãe de Vinícius, conta sobre um filho carinhoso, esperto, mas também muito agressivo, com episódios de explosão sobretudo ao voltar da casa do pai, nos quais “não consegue parar quieto”. Ela descreve Aldir, pai de Vinícius, como alguém seco e violento, com pouca condição de demonstrar afeto, tanto com ela quanto com as crianças.

É a relação conturbada entre Valéria e Aldir que ganha a cena nesse primeiro contato. Ela conta em detalhes sobre o casamento, a separação e as inúmeras e raivosas discussões do casal. É muito difícil acompanhar temporal e espacialmente o que Valéria vai contando. Confundo-me com as datas, tenho a impressão de que as idas e vindas deixam a história improvável e esburacada. Tento entender o que estava acontecendo na vida de Vinícius aos dois anos, momento inicial de preocupação da escola com ele. Ao que parece, nesse momento seus pais se separavam em definitivo.

O que me marca nessa primeira conversa é o espaço reduzido reservado a Vinícius, que surge de relance no início e ao final, e a enxurrada sobre a relação com Aldir que parece apenas afogar e confundir. Quando o filho nasce, alguma coisa parece se romper no casamento dos pais. Vinícius é o único menino, o quarto de cinco filhos não planejados.

Valéria se pergunta o que estaria acontecendo com o filho. Percebe em casa alguns comportamentos que a preocupam, para além do que a escola relata. Retoma comigo alguns deles: ateou fogo no sofá; tentou pular um muro de lanças quando se imaginou sozinho em casa no

momento em que a mãe tinha ido até o portão; despencou do alto da grade do terraço após escalá-la. Em muitas destas situações, Vinícius não consegue calcular o risco e se coloca em perigo. Quando um adulto lhe cobra explicações, fica em silêncio, abaixa a cabeça e cai no choro. Valéria conta também que o filho sempre tropeça, cai, machucando-se muitas vezes seriamente, e tem inúmeras cicatrizes pelo corpo. Durante uma bronca que levava por ter molhado a casa com a mangueira do jardim, Vinícius chora e pede que a mãe bata nele. A hipótese que ela levanta, em um primeiro momento, é que o filho sofre com os efeitos da violência do pai. Conta-me com preocupação que a avó materna do menino diz que o neto é muito parecido com um filho seu, que recebeu o diagnóstico de autismo, porque “bagunça do nada”. Nesse ponto me pergunto se Vinícius é considerado nas leituras feitas sobre ele, ou se estas estão distantes de seu funcionamento, atravessadas por histórias anteriores.

## **1.2 Momento 2: com Vinícius, tudo escorre**

Já no meu primeiro encontro com Vinícius, ele entra na sala comigo sem hesitar e faz algo que se repete nos primeiros meses de atendimento: esbarra nos móveis e derruba objetos da sala; explora todos os brinquedos, espalhando-os pela sala, chacoalhando-os, desmontando todos eles em partes menores; tenta tirar a cabeça do cachorro (“sai a cabeça?”); desmonta os caminhões (separa a caçamba da frente, desencaixa as rodas). Tudo fica esparramado e misturado em peças pequenas, nas quais esbarra e pisa distraidamente. Tenta equilibrar algumas arvorezinhas, que caem e são deixadas em um canto da sala enquanto vai mexer em outras coisas. Olha para alguns brinquedos e diz: “como brinca com esse? E esse faz o quê?”. Espalha os soldadinhos e o jacaré, que, “por causa da boca”, diz ser “do mal”.

Começa muitas brincadeiras, cada uma em um canto da sala, mas não dá continuidade a nenhuma delas. Pergunta “de quem são os brinquedos?”, mas quando tento responder e conversar sobre o que fazíamos ali juntos, Vinícius já estava em outro canto da sala, de costas para mim, às voltas com outros objetos.

Minha impressão, num primeiro momento, é que ele não nota a minha presença. Brinca sempre de costas e fica indiferente às minhas tentativas de interação, recorrendo a mim para acender a luz, encaixar ou desencaixar algo que não consegue. Dirige algumas perguntas a mim, que potencialmente poderiam enlaçá-lo à minha presença, mas seus questionamentos parecem não

esperar resposta alguma. Tem sobretudo dificuldade nos encaixes: sem êxito, faz força para juntar as peças que havia desmontado. Digo: “para devolver essa peça na caixa não precisa de força, precisa de jeito, assim parece que não cabe”. Por vezes Vinícius fala com o brinquedo, não comigo. Nesses primeiros atendimentos, tenho a sensação de que tudo onde ele encosta quebra. Explora o futebol de botão e tira um elástico que contorna o campo, que perde sua estrutura e desmonta. Ao abrir a lixeira, pisa com muita força no pedal, que se rompe. Era recorrente esbarrar em algum móvel, tropeçar, bater a cabeça quando entrava embaixo da mesa, divã, poltrona, mas não fazia nenhuma menção à dor. Começo a nomear e atribuir sentido a algumas dessas ações.

Fico o tempo inteiro apreensiva, cuidando para que ele não se coloque em risco e não quebre algo da sala que não tenha mais conserto, mas também atenta ao que ele me mostra: tudo está desintegrado, desmembrado. Precisamos começar a montar. Parece não haver diferenciação entre as peças dos brinquedos, a lixeira, seu próprio corpo, o portão de lanças, meu corpo... Eu me questiono: Vinícius habita o próprio corpo? Percebe a diferença entre o animado e o inanimado? Eu sou percebida por ele? Faz sentido insistir na minha inserção em suas brincadeiras?

Enquanto brinca, seu nariz escorre sem parar. Além de não se mostrar incomodado, o menino parece nem sequer notar o que está acontecendo. Em uma sessão, escolhe brincar de Lig 4,<sup>1</sup> separa as peças azuis das amarelas e tenta colocá-las em lados opostos do tabuleiro. Mas como não fecha a barreira de baixo, tudo o que ele coloca “escorre” e se vai; nenhuma peça fica contida e todas acabam misturadas outra vez no chão. Tudo cai infinitamente. Falo que ele está jogando sozinho, “como será que faz para elas não caírem?”, e ele responde: “é um jogo que pode jogar junto ou sozinho, e eu prefiro sozinho”.

Ao final do primeiro atendimento, percebi-me em pedaços, exausta e insatisfeita. A inquietação que me provocou a sessão fez com que eu colocasse em dúvida minha condição de ajudá-lo, também porque não me sentia existente para ele. Se aparentemente não havia demanda do menino, já que ele parecia alheio ao que fazíamos ali juntos, sem se atentar inclusive ao fato de que estava acompanhado, como seria possível começar um trabalho? Como trabalhar se ele não se atentava à minha companhia?

Em *Clínica psicanalítica e neogênese* (2005, p. 168), Bleichmar levanta duas categorias de situações que justificam a tomada de uma criança em análise. A primeira delas é quando a criança

---

<sup>1</sup> Jogo de tabuleiro semelhante ao tradicional jogo da velha. O tabuleiro do Lig 4 tem uma abertura embaixo, de forma que, quando não é fechado corretamente, as peças colocadas pelos participantes não ficam contidas, mas o atravessam e caem no chão.

apresenta um sofrimento intenso, mas não apenas ligado a algum evento contingencial, tal como a perda de uma importante relação. Como exemplo, a autora defende que a morte de alguém próximo não necessariamente justifica a tomada da criança em análise, pois o tempo da análise é aquele do sintoma, e não o do evento traumático. A segunda é quando o sofrimento da criança compromete seu futuro, já que produz dificuldades nas relações e na aprendizagem, e manter-se sem intervenção levaria muito provavelmente a um empobrecimento crescente de sua vida. Inferimos que, nestes casos, há um risco no que concerne à estruturação psíquica da criança, o que, para a autora, justifica a necessidade de início do trabalho de análise e, portanto, a escolha da estratégia clínica adequada.

Vinícius me apresentou ali que estava em risco. Era notável a precariedade das relações que estabelecia, a dificuldade em formar vínculos na escola e, como veremos adiante, também a dificuldade no ingresso à escolaridade. Ele me usava como extensão técnica de seus membros, mas não parecia que se relacionava comigo: me pedia, por exemplo, para acender a luz, mas parecia não contar com a possibilidade de que eu respondesse suas perguntas.

### **1.3 Momento 3: aos poucos, vou podendo participar**

Com o passar do tempo, vou dizendo ao garoto: “quanta meleca, Vinícius! Precisamos de um papel para você assoar o nariz e poder brincar melhor. É muito mais gostoso brincar limpinho!”. Depois de algumas tentativas e de uma modulação de voz em que coloco ênfase no que digo, ele me olha e assoa o nariz no papel que lhe ofereço. Digo “ufa, agora deve estar muito mais gostoso”. Nesse primeiro momento, enquanto ele brinca de costas para mim, vou narrando a ele coisas como “Vinícius, que força para abrir essa caixa! Deve estar mesmo muito dura. Cuidado porque com tanta força assim talvez quebre...”, ou então “olha só, você está pisando na cabeça da boneca”.

Aos poucos e delicadamente, começo a fazer algumas entradas nas brincadeiras, no sentido de oferecer-lhe palavras. Mesmo com ele de costas para mim, vou narrando algumas cenas que observo, o que de início não parece provocar nenhuma reação do garoto. Em determinada sessão, enquanto brinca de circundar a sala com uma moto e dois carrinhos em mãos, começo a falar sobre as texturas por onde eles passam: “esse tapete parece macio, que gostoso”, “nossa, que chão duro”, “que aventura!”. Com os brinquedos em mãos, o menino faz com que atravessem espaços apertados, e em seguida ele mesmo tenta passar pelas mesmas frestas. Parece que não se dá conta da diferença de tamanho que há entre si e os brinquedos que carrega e acaba derrubando inúmeros

objetos por onde passa. Narro “aqui está apertado!”, “ai, minha cabeça, que dor!”. Brinco de dar palavras à moto: “estou com medo dessa pista tão inclinada e tão alta!”. Vinícius me olha de vez em quando com atenção. Por vezes responde ao que eu digo: “eu não tenho medo dessa pista coisa nenhuma!”. Ao final dessa sessão, ele me surpreende com algumas perguntas que faz sobre os brinquedos: se os brinquedos são meus, se outras crianças também brincam lá. Pede para levar a moto para casa. Eu não permito, mas garanto que ela estará lá na próxima semana. Ele aceita.

Pergunto-me: o que operou nessas intervenções? Nesse momento, parece que os brinquedos se destacam em meio à desorganização, ganham vida. Através dos objetos também estabelecemos uma relação de uma forma diferente do que acontecia até então.

Em conversas frequentes que tenho com Valéria, ela conta dos riscos constantes que Vinícius corre e de suas tentativas de proteger o filho. Assim como os carrinhos não medem a altura antes do salto, Vinícius parece não temer situações que poderiam terminar de maneira trágica. Diante de ocasiões em que o filho está prestes a pegar objetos perigosos da cozinha, Valéria brinca, sem sucesso, de traçar linhas imaginárias que ele não poderia ser ultrapassar. Penso que a mãe tenta se comunicar com o filho, mas o faz de uma forma atrapalhada, sem enunciar a proibição. Uma das vezes em que Vinícius atravessou tal linha, pegou uma caixa de fósforos e pôs fogo no sofá.

Certo dia, relata Valéria, o garoto acordou no meio da noite e viu um ladrão no quintal. Apesar de saber que havia um assalto em curso, ela tentou acalmar o filho desmentindo sua percepção, dizendo que o que via era só um gato. No dia seguinte, deram falta da bicicleta. Penso que essa situação evidencia uma dificuldade da mãe de entrar em contato com as percepções de que Vinícius tem de si mesmo e do ambiente, em uma tentativa forçada de que as palavras tivessem mais poder frente às ações perigosas do filho e às percepções do menino sobre o mundo que o cerca. Será que, ao dizer a Vinícius que o que via era um gato, essa fala se sobreporia à percepção do garoto, de tal forma que apagaria a existência do ladrão? Valéria parece antecipar a função simbólica das palavras, tentando que elas protejam a família, mas não se dá conta de que não obtém resultado. Assim como Vinícius dá vida aos brinquedos, o que é preciso para se dar vida às palavras? Falo com Valéria sobre o que opera com seu filho naquele momento: os limites colocados no real de seu corpo e das ações, acompanhados das palavras, mas não quaisquer palavras.

Conto a Vinícius que conversei com sua mãe alguns dias antes. Ele pergunta sobre o que falamos, o que me surpreende. Digo que Valéria se preocupa porque ele cai e se machuca muito. Retomo a queda acontecida dias antes, do alto da grade do terraço. Ele abre um sorriso, parece

localizar o que eu falo em sua memória (“isso é verdade!”) e me mostra onde se machucou. Vinícius relembra com dificuldade que não teve força e que acabou soltando o braço quando já estava no alto.

Ele me pergunta, quando conto sobre a conversa com a mãe, se ela ficou chorando. Por quê? O menino diz que tem medo de escuro e que muitas vezes acaba a energia na sua casa. Pergunto como ele faz quando está com medo. “Fico chorando.” Falo: “igual à sua mãe!”. Esta minha fala é vivida por ele com um colorido de comemoração. Penso que comemorávamos uma fração de comunicação que Vinícius viveu, tanto com sua mãe, a partir do meu relato, quanto ali comigo.

O garoto começa a brincar com os carrinhos e as motos da sessão passada. Todos muito corajosos, pulam de lugares altos e íngremes. Brinco que um deles tem medo de um desafio tão grande, que precisa treinar antes de encará-lo. Fazendo a voz do brinquedo, ele diz que não tem medo de nada e que é corajoso.

#### **1.4 Momento 4: com a mãe**

Ao longo de quase dois anos de trabalho, realizo atendimentos frequentes com Valéria. Seu discurso é extremamente fragmentado, esburacado. Com dificuldade, vamos tentando juntar os cacos de sua história, com idas e vindas temporais confusas e uma enxurrada de dados que transbordam e a atropelam. Ao mesmo tempo que tem demandas muito concretas e pede conversas para pensarmos juntas — por exemplo, sobre a escola do filho —, não é incomum chegar para o atendimento atordoada com alguma cena que viu no caminho até o consultório e precisar do tempo comigo para se reorganizar.

Num primeiro momento, meu papel com ela é ajudá-la a se organizar em uma rotina, para que possa levar o filho à escola e à análise e as outras quatro filhas à escola. Essa rotina se manteve sempre bastante conturbada. Mesmo que ela esteja planejada, é um desafio constante conseguir se organizar para colocá-la em ação. Valéria parece saber o que é o melhor para as crianças, por vezes percebendo suas necessidades, mas não consegue tirar seus planos do papel. Muitos deles vão se mostrando idealizados e inalcançáveis, como suas pretensões com relação à recolocação profissional. Como está sem trabalhar há anos, vê-se numa situação financeira extremamente precária, sem dinheiro para o essencial.

Desde o primeiro contato comigo, Valéria se apresenta como uma mãe bastante dedicada e preocupada com o filho, ao mesmo tempo que impedida de alguma forma de dar conta de funções fundamentais. Atrasa com frequência, confunde os horários da sessão, chega uma hora depois do combinado sem se dar conta, parece precisar da minha presença para conseguir se localizar no tempo. Sempre está correndo, afobada e se desculpando pelas confusões. Para ela, tudo também sempre parece estar caindo, desmoronando. Apesar dos atrasos e das ausências, Valéria leva com extrema seriedade a análise do filho; numa semana em que Vinícius faltaria e tendo perdido meu telefone, compareceu ao consultório no domingo com os cinco filhos para me avisar da ausência na sessão seguinte, e esperou em vão na porta. Quando pergunto para o garoto por que eles se atrasaram, costuma me responder que é por culpa dele, que desobedeceu e foi dormir muito tarde na noite anterior.

Alguns dados da história materna vão surgindo nos atendimentos com Valéria. Começo a me perguntar se seriam pistas que me ajudariam a localizar em sua pré-história o encontro que se dava entre ela e o filho.

Desde muito cedo Valéria foi responsável pela família. Durante a adolescência e o início da vida adulta, morou por oito anos na Bélgica e lá, como irmã mais velha, cuidava de seus três irmãos enquanto a mãe se divertia em longas noitadas. Essa situação de ser a responsável pela família ainda perdurava. Quando voltaram ao Brasil, sua mãe foi presa e ela se viu sozinha responsável pelos irmãos. Logo em seguida engravidou de sua primeira filha. Me chama a atenção que sua condição de responsável pelas crianças se estenda desde sua pré-adolescência até o momento atual. Ela parece viver um eterno presente em que é levada a dar conta de situações complexas sem ter condições de fazê-lo. Vive um *continuum* entre sua condição de filha e de mãe, em que marcas temporais não foram possíveis de se inscrever. Os irmãos de Valéria e sua mãe ainda têm uma vida financeiramente instável, não trabalham e vivem de favor na casa de parentes e por vezes na de Valéria. Sua mãe reclama da forma como ela educou os irmãos: não colocava os limites necessários.

Vinícius visita o pai com alguma frequência, e Valéria tem dúvidas se aquele ambiente é seguro para as crianças. Tento repetidamente fazer contato com ele, porém não tenho sucesso. Apenas uma vez ele atende minha ligação, mas não aceita o convite de vir ao consultório para que pudéssemos nos conhecer e conversar sobre o menino.

## 1.5 Momento 5: mãe com filho; o pequeno carrega muita coisa

Apresentarei a seguir uma sequência de breves relatos acerca de quatro sessões.

### 1.5.1 Sessão 1

Após cerca de três meses de atendimento com Vinícius, combino com ele e Valéria um horário em que eu atenderia os dois juntos. Quando chegam, ele vai para a caixa de médico e pega um par de óculos de plástico. Usa-o como molde, pedindo que a mãe desenhe seu contorno no papel. Enquanto fazem isso, o garoto mostra a ela uma gaze com a qual já tínhamos brincado e diz: “é de mentira e é de verdade!”. Valéria responde que usam muito essas coisas porque o filho se machuca muito. Comento “é, Vinícius, você está precisando que alguém te segure”. Passam a sessão empenhados em conjunto no desenho, o contorno dos óculos e em seguida a pintura de seu interior. Me chama a atenção o modo como a mãe conversa com Vinícius. Ela é bastante precisa e técnica no que diz; sua linguagem é científica e correta. Explica para o filho que deve fechar a canetinha “imediatamente após o uso para não ressecar seu interior”, mostra qual giz de cera deve ser usado primeiro “para não manchar a ponta do giz branco com cores mais escuras”. O garoto toma com atenção todas as suas instruções e gestos, tenta imitá-la na pintura e escuta com atenção suas recomendações. Ele mostra para mãe um machucado que fez naquele dia na escola. Pergunto se doeu, se estava doendo, se lavou com água e sabão. Ele respondeu que não doeu e que não cuidou. A mãe, então, diz que chegando em casa irão passar “antisséptico tópico”. Como será que Vinícius nomeia esses remédios e esses cuidados tão dedicados, mas ao mesmo tempo tão formais e distantes de sua linguagem e experiência? Ainda às voltas com o desenho, pergunto de quem são os óculos, mas nenhum dos dois consegue contar alguma história a partir da atividade. A mãe tenta depressa desenhar uma casa, uma árvore e nuvens quando indago sobre a criação deles, mas Vinícius rapidamente pinta de preto por cima de todos os desenhos da folha, diz que está chovendo e pede para a mãe desenhar um raio.

Ao final da sessão, a mãe se dirige ao filho com uma frase em francês. Pergunto a Vinícius o que ele escutou, e ele responde algo que não corresponde ao que a mãe havia dito.

### 1.5.2 Sessão 2

Na sessão seguinte, o menino escolhe um caminhão pequeno e um trator grande e começa a colocar carga na caçamba do menor. Pergunto se vai ser possível andar com tanto peso nas costas, ao que ele responde: “o pequeno carrega muita coisa”. Falo que é muita coisa para que ele carregue sozinho, que precisa de ajuda para aguentar aquele peso todo. Em seguida Vinícius tira toda a carga que havia colocado e vai desmontando o caminhãozinho até que sobre só a frente. A caçamba do pequeno, desmontada, é colocada na do maior, que agora passa a carregar todo o peso. Ele, então, se esconde com todos esses brinquedos atrás da poltrona, de forma que eu não consiga vê-lo. Começamos uma brincadeira em que eu digo que não vejo nada nem ninguém, e depois ele me mostra um pedacinho do seu corpo e me pergunta: “e agora, o que você tá vendo?”. Primeiro um dedo, depois dois dedos, depois um pouco de cabelo do alto de sua cabeça. Quando respondo, o menino me pergunta: “mas é cacheado?”. Eu confirmo e ele me diz, aliviado: “ah, então é o meu cabelo!”. Ainda atrás da poltrona, me confessa, com voz de monstro, que não é uma pessoa.

### 1.5.3 Sessão 3

Na semana seguinte, Vinícius quer continuar o desenho que fez com a mãe. Espalha o giz de cera sobre a mesa, depois pega as canetinhas e diz que elas são “pra contornar”. Então faz o contorno da haste dos óculos desenhados pela mãe e se dá por satisfeito.

Ele assopra na minha direção a tampa da caneta que estava em cima da mesa. Tomo como uma brincadeira e assopro de volta, de tal forma que ela não caia no chão e volte na direção dele. Brincamos de assoprá-la de um lado para o outro, forte, fraco; ele sopra “de levinho” e ri muito. Dou voz à tampinha: “não me deixa cair, me segura!”. Depois Vinícius aumenta a força do sopro e se diverte com a possibilidade de eu não conseguir evitar que ela caia no chão. Penso que nesse momento vamos juntos traçando contornos fundamentais para a constituição de seu psiquismo.

### 1.5.4 Sessão 4

Vinícius desenha um adulto e dois meninos. Está chovendo onde eles estão, e todos têm guarda-chuvas. Desenha um carro e contorna com fita-crepe. Vai reforçando o contorno: protege

o motor, a porta e o porta-malas. Faz uma camada de proteção em todo o carro, nos guarda-chuvas e no chão. Um dos meninos está a pé, o outro está esperando o ônibus e o adulto está parado esperando o táxi. Vão para casa porque está chovendo.

Faz um segundo desenho. Vai colando na folha sulfite uma estrutura com fita-crepe que aos poucos toma o contorno de uma casa (“é uma fazenda com bichos e comida”). Separa o espaço dos bichos do das comidas. Faz céu azul-claro “porque está dia” e chão, que “é importante porque senão cai no buraco”. Coloca as comidas saindo como água pelos canos, e depois desenha um rei que mora lá com os amigos e mais três animais.

Nesse momento, Vinícius está mais agressivo em casa. É o mais forte dos filhos, diz Valéria, e começa a bater nas irmãs quando surgem empecilhos entre eles. Em supervisão, começamos a levantar hipóteses para entender por que esses comportamentos estavam se intensificando em casa. Será que Vinícius começa a se enxergar como alguém existindo em separado dos outros e vive pelas primeiras vezes conflitos provenientes do contato com a alteridade?

## **1.6 Momento 6: com o padrasto**

Num dos atendimentos que faço com Valéria, ela vem acompanhada por Renan, seu atual marido, padrasto de Vinícius. Ele é bastante agressivo em sua fala e faz inúmeras acusações ao enteado: “é um bicho, é mentiroso, tem maldade e ruindade, é feio como o diabo”, “tudo o que ele pode fazer pra machucar e quebrar as pessoas e coisas ele faz”, “ele tem tudo pra virar um bandido e trocar tiro com a polícia”, “ele não tem jeito e faz sempre exatamente do jeito que não é pra fazer as coisas”.

As falas que dirige à esposa são humilhantes. Fala que todos os seus filhos são “bichos”, “delinquentes”, “família de louco”, “nunca vi crianças assim na vida”, e que a culpa é da mãe, que é “mole e não consegue dar limites”. Se fosse filho dele, “enchia de porrada”. Ela escuta tudo calada e diz que prefere não responder, porque o marido precisa falar sobre seus sentimentos. Ele, militar, diz que, de acordo com um teste que aplicou em Vinícius, o garoto tem altas chances de se tornar “bandido, daquele que morre em confronto com a polícia”. Renan fala que sente vergonha da família. Não conta que a esposa não trabalha e que o salário dele sustenta todos.

Durante essa sessão, tento colocar a forma como vejo Vinícius, mas do início ao fim Renan se impõe com muita agressividade e sem nenhuma abertura para o diálogo. A impressão que me dá é que ele está prestando um depoimento contra o enteado. Repete algumas vezes que fica acuado em sua própria casa e que isso é inadmissível. Sinto-me impotente frente à situação posta, uma sensação que se acentua nos momentos em que eu tento preservar um espaço para que Valéria se coloque e ela o recusa.

Em seguida a esse atendimento com os dois, tenho um horário só com Valéria. Ela diz se ver em um dilema, dependendo — tanto financeiramente como no cuidado com as crianças — de alguém em quem não confia: ou trabalha para ganhar seu próprio dinheiro, e para isso teria que deixar os filhos com o pai, ou então segue sem ganhar nenhum dinheiro, dependendo do marido. Comento que a forma como Renan vê os filhos dela é destrutiva e acaba expondo as crianças a um ambiente inapropriado; que os adultos estão se desentendendo, em guerra, sem destinar atenção às crianças. Valéria fica muito emocionada e insiste que fala para o filho que sempre tem que ser bom, ensinando que o certo é o amor, e não a violência.

Essa é uma conversa em que se coloca entre nós duas algo que eu vinha trabalhando em supervisão: se Vinícius experiencia em casa violência, e se ela é justamente desconsiderada no discurso da mãe, que prega o amor, o que se inscreve não é o amor, porque o que se transmite não é pela via da palavra vazia. Sem coerência entre o que escuta e o que vive, vai parecendo que o que se inscreve para o garoto é da ordem do absurdo, da loucura, da falta de referência.

Ao final do atendimento, Valéria se pergunta se vive relações de submissão e dependência devido a alguma grande ausência em sua vida. Nesse ponto, encaminho Valéria para análise, levando em conta a pergunta que se fez e também a minha preocupação dos efeitos dessas dinâmicas para Vinícius.

### **1.7 Momento 7: todos estão em guerra**

Nesse momento da análise do menino, as brincadeiras que propõe são de guerra. Todos estão em guerra e a guerra é interminável. Separa os animais entre “bem” e “mal” e todos guerreiam do começo ao fim. Vinícius me deixa de fora, no máximo posso assistir às batalhas. Em uma delas, esconde os bebês das brigas. Quando o final da sessão vai se aproximando, pergunto se os bebês já podem sair do esconderijo, ao que ele me responde: “não! A briga ainda não acabou!”.

Depois de alguns meses brincando de guerra, em uma das batalhas do bem contra o mal, entro na brincadeira e escondo dois dinossauros do bem na mesma caixa onde ele protegia os bebês. Digo que ninguém vai encontrá-los, coloco o exército na frente da caixa, escoltando os dinossauros-bebês. Vinícius pela primeira vez aceita minha investida e me convida a ser alguns dos personagens da sua brincadeira. Sou do bem e ele do mal, batalhamos muito. Um dos soldados do bem se fere, e Vinícius sugere que ele também seja colocado na caixa junto com os dinossauros. Até o final da brincadeira, sou a responsável por impedir que o mal se aproxime dos bonecos que estão dentro da caixa. Pergunto se a guerra não vai terminar, e ele me responde: “vai, sim, na próxima vez”.

### **1.7.1 Sessão 5**

Vinícius conserta tudo ao seu redor, batendo com força as ferramentas, muito dedicado à brincadeira. Os bandidos haviam roubado sua casa e os heróis tiveram que se mudar. Sua casa estava quebrada, então vai consertando porta, telhado... Coloca as bonecas protegidas dentro de uma caixa: “elas precisam se proteger porque são as únicas que não têm poderes”. Pergunto: “algum adulto pode te ajudar?”. Ele diz que não. Vinícius me pergunta sobre o horário, porque agora que é “grande” não quer se atrasar para a escola nova. Eu lhe asseguro que vou me responsabilizar pelo cumprimento do horário, que isso é tarefa minha e ele não precisa se preocupar.

No mês seguinte, outra brincadeira se dá: Vinícius cozinha para nós dois. Na comida mistura banana, suco de uva, frango, tudo junto. Vou brincando, dizendo que estou com fome e que ele está misturando muita coisa diferente na mesma comida. Ele separa um pratinho para cada um, e na hora da divisão coloca muito mais comida para si do que para mim. Reclamo que estou com mais fome. Algumas vezes ele é compreensivo dentro da brincadeira e me serve de mais comida, em outros momentos me pergunta se o que eu estou dizendo é “de verdade” ou “de brincadeira”. Em seguida, testa os limites da xícara “de verdade” que estávamos usando para brincar, jogando-a com força e perguntando se ia quebrar. Vou dizendo para ele que quando jogada com força qualquer coisa pode quebrar, que depois a pessoa fica triste. Peço que tome cuidado, que não jogue com força... Ele então tem a ideia de equilibrar a tampa de uma panelinha (agora, sim, de brinquedo) em seu dedo. Gira a tampa com satisfação e vai passando de dedo em dedo. Vou nomeando: mindinho, seu vizinho, pai de todos... Ele vibra com a brincadeira, pede para repetir

mais e mais, sugerindo que eu tentasse também equilibrar uma tampinha nos meus dedos. Nesse momento sinto que existo para ele, vibramos juntos, a brincadeira entre nós dois fica prazerosa.

Vinícius tem atrasado diariamente na chegada à escola. Segundo a professora, quando perde o início da manhã fica sem ter como saber a rotina, então muitas vezes passa o dia perdido entre as atividades, o que tem dificultado bastante sua relação com os colegas e com a escola como um todo. Converso de novo com Valéria no sentido de ajudá-la com a rotina das crianças, e ela chora muito dizendo que não quer repetir o que a mãe fez com seus próprios filhos: sem rotina e sem estrutura, deixava os mais novos com ela, a irmã mais velha. Sua desorganização afetava a família como um todo. Um dos irmãos de Valéria, criado por ela desde criança, foi preso por roubar um carro e por tráfico de drogas. Ela se questiona sobre sua capacidade de criar crianças. Vinícius tomaria o mesmo caminho do tio? Nesse atendimento, o pedido que parece se fazer de “não repetir o caminho da mãe” me leva a retomar a ideia de que ela demandava análise. Valéria não havia procurado a indicação que eu dera, mas em seguida o faz e inicia um trabalho próprio de análise.

### **1.8 Momento 8: com a escola**

Sou chamada pela escola de Vinícius para uma conversa com a diretora e com a professora da sala. Ambas contam de uma criança que coloca as outras em perigo: “ele incomoda a sala inteira, canta, dança, fala palavrão e desestabiliza todo mundo. Esses dias atacou violentamente seus colegas com uma tesoura. Traz objetos perigosos para a escola em sua mochila, como um cadeado. Diz que quer uma metralhadora. Imagina do que ele vai ser capaz quando crescer? Vai ser daqueles meninos que saem atirando na escola inteira”. Para elas, Vinícius é um perigo para a escola e conta com uma lista infindável de “delitos” em seu “livro de ocorrências”. Todos já sentem medo dele e não o querem por perto; nunca viram uma criança tão terrível quanto ele. Perguntam-me: “ele não tem transtorno opositor? [...] O que aconteceu com ele pra ele ser assim? [...] O problema é a mãe dele, né? [...] Você não é médica, né? Precisamos de um médico que dê um laudo!”.

Durante a conversa, tento lançar perguntas que nos estimulem a trabalhar: em que momentos ele fica mais agressivo? O que o contrariou? O que será que ele queria? E como dá para lidar com ele nesses momentos? O que já funcionou das tentativas que fizeram? O que mais o Vinícius é, além de agressivo? Essas minhas perguntas caem no vazio. Perguntam-me o que fazer, mas parece que há algo entre nós que impossibilita a troca e o diálogo. A equipe parece estar

bastante angustiada e sem forças para seguir trabalhando com o garoto. Me preocupo com essa impossibilidade de olhar para ele para além dos atos de delinquência. Se a ele não é dada saída, o que vai lhe restar a não ser esse caminho ao qual parece que está identificado?

Percebo uma brecha na reunião: a diretora relata que, quando Vinícius desestabiliza todo mundo e é impedido de frequentar as aulas, por vezes fica com a professora do ano acima ao dele, com quem tem uma relação de respeito e consegue se concentrar em algumas atividades.

Na busca por outras relações e espaços nos quais o menino circula e por possibilidade de mudança em sua posição subjetiva, marco uma reunião no Centro para Crianças e Adolescentes (CCA),<sup>2</sup> o qual Vinícius frequenta no contraturno escolar. Lá eles contam de uma criança que “explode, pega coisas dos outros, se coloca em risco”, mas também o descrevem como carinhoso e prestativo, alguém que adora ir para a quadra e para a aula de informática e “que dá gosto de ver brincar”. Relatam que uma vez ele trocou duas notas de dois reais por duas moedas de cinquenta centavos, e acrescentam “tenho certeza que ele não tem maldade, isso é coisa de criança”. Saio da reunião pensando na importância daquilo para Vinícius, ser visto a partir de uma gama muito mais complexa de possibilidades. Os adultos do CCA circulam a função de cuidar dele nos momentos mais difíceis, o que parece produzir possibilidade de trabalho. Perguntam-se, por exemplo, o que o leva a pegar para si o lanche das outras crianças e depois negar que o tenha feito, sem significá-lo de imediato como delinquência ou roubo.

Coloco a escola e o CCA em contato na expectativa de que as histórias e os olhares sobre o menino possam circular. Mas, com a chegada do fim do ano, esse movimento não é feito, e as expulsões de Vinícius da sala de aula se tornam mais e mais frequentes. Ele praticamente não acompanha mais seu grupo, leva muitas suspensões. Em sessão com o garoto, pergunto sobre os acontecimentos na escola: o que o deixa bravo, o que o leva a bater, empurrar, machucar... Raramente ele consegue me responder. Na maioria das vezes, fica impaciente, olhando para baixo, fazendo movimentos repetitivos e dizendo que não sabe, então pergunta se pode ir brincar, como se estivesse levando uma bronca. Uma vez foi capaz de me dizer “eu fiquei muito bravo porque a diretora me disse que se eu continuasse assim eu ia ser um ladrão e ia ser preso, e eu não quero ser preso”.

---

<sup>2</sup> Trata-se de um serviço da prefeitura em que crianças e adolescentes convivem a partir de seus interesses, demandas e potencialidades. Atividades lúdicas, culturais e esportivas são propostas como forma de propiciar um ambiente fértil para a interação e a expressão dos jovens. Ver: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/protecao\\_social\\_basica/](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/).

Em sessão comigo, quando quebrou um carrinho, algo parecido se deu: desconversou, riu, ficou tão nervoso que quase quebrou outros brinquedos e, enquanto eu tentava entender com ele o que estava acontecendo, descascava pedacinhos do chão e se balançava. A minha insistência que para olhássemos juntos para o que acontecia com ele parecia gerar mais e mais isolamento. Não parecia possível tratar do ocorrido no passado. Em supervisão, pensamos que ele ainda precisava que eu o ajudasse antes de chegar ao ato, antecipando que aquilo que ele fazia talvez fosse quebrar um objeto. Isso provavelmente o deixaria triste, porque não parecia querer quebrar nada, e então o ajudaria a significar o que estava acontecendo com ele.

Em ocasião recente, ele me pede chá ao final de uma sessão. Vou mostrando a ele os sabores, conto que falam que chá de camomila deixa as pessoas calminhas. Ele diz que não quer ficar calminho, que quer ser como ele já é, e também quer ser educado.

Com o início da pandemia, o acompanhamento de Vinícius precisa ser interrompido. A ida ao consultório fica impedida, assim como o prosseguimento do tratamento à distância. A última notícia da família que recebo é que mãe e filhos estão se organizando para se mudar para outro estado, onde contarão com o suporte de familiares dispostos a recebê-los.



## 2 A TEORIA DAS ORIGENS, DE SILVIA BLEICHMAR

### 2.1 Os primórdios da excitação

Nas origens do psiquismo, dois movimentos: aquele que funda a pulsão sob o modo da pulsão de morte, objeto-fonte excitante que deve encontrar canais de derivação, de ligação, e o propiciamento destas ligações, mesmo antes da instalação do ego do incipiente sujeito psíquico, mesmo antes, conseqüentemente, do recalçamento originário, criando os pré-requisitos de sua instalação. (Bleichmar, 1994a, p. 37).

Silvia Bleichmar toma o texto freudiano de 1895 “Projeto para uma psicologia científica” para discorrer, entre outras coisas, sobre os primórdios da excitação. Nele, Freud aponta que o princípio de inércia (tendência à descarga zero) é rompido desde o início, tanto por estímulos externos quanto por internos, dos quais o bebê não pode se esquivar. Mais adiante na obra freudiana (Freud, 1915), esses estímulos, dos quais não há fuga motora possível, definirão o que é excitação interna e darão origem à pulsão. Pode-se pensar então que não é o princípio de inércia que rege os destinos do psiquismo, mas sim “os modos de evacuação do autoconservativo, das necessidades que se propõem ao vivente para que se mantenha com vida biológica”. Bleichmar segue: “Aquilo que se recusa à descarga zero irrompe no vivente alterando para sempre seus modos de funcionamento” (Bleichmar, 1994a, p. 20).

Em “As condições de humanização”, a autora escreve:

Imaginemos o filhote humano nos primeiros tempos, um punhado de reflexos capaz de dar conta somente de necessidades muito básicas: se faltarem certos elementos em seu organismo, o sistema transborda e desencadeia o choro. Este choro é um efeito imediato, “natural”, digamos assim, do modo pelo qual o sistema produz um movimento de alarme. O adulto encarregado entende o choro como uma mensagem, como um chamado; neste movimento é capaz de transformar um movimento natural em um enunciado que instaura a base de toda a comunicação possível. (Bleichmar, 2006, p. 16).

Até aqui fomos levados a pensar nos primeiríssimos momentos do filhote humano, quando sua homeostase é perturbada por um transbordamento interno e o desconforto gera o choro, efeito “natural”. A condição humana inicial de desamparo faz com que o filhote não consiga realizar a ação específica que levaria à satisfação da tensão, precisando de assistência alheia. Quando o adulto atende a esse chamado e se propõe a suprir as necessidades do filhote na tentativa de evitar seu

sofrimento, oferece um objeto de satisfação (seio) que de saída não é só nutritivo, mas já traz consigo um adicional de tensões próprias do inconsciente adulto.

Silvia Bleichmar parte da sedução originária, modelo freudiano retomado por Laplanche, para pensar a origem da pulsão. O autor propõe a teoria da sedução generalizada para falar deste encontro necessariamente traumático de um adulto com seu bebê, já que este é confrontado, de forma passiva, com a sexualidade adulta, ainda sem possibilidade de reação adequada (Laplanche, 1992 [1987]).<sup>1</sup> Em tal encontro, o outro que se dirige ao bebê para satisfazer suas necessidades oferece junto ao objeto de satisfação, sem que saiba, um *a mais* de energia desligada. De saída, o bebê é então inundado, e a lógica do somático é rompida pela via do sexual (Bleichmar, 1994a, p. 23).

Esse excesso energético que vem com o objeto de satisfação provém do inconsciente do adulto marcado por sua sexualidade, que dirige à criança mensagens obscuras e enigmáticas,<sup>2</sup> inclusive para o próprio adulto. Tais mensagens, que obrigam a criança a se confrontar prematuramente com o mundo adulto e que a interrogam, embora ela não encontre sentido possível para codificá-las, foram nomeadas por Sándor Ferenczi como “confusão de línguas” (Ferenczi, 1992 [1933]). Laplanche enfatiza o efeito traumático desse encontro entre o inconsciente dos pais e a criança, uma vez que nele há uma disparidade essencial. As teorias sexuais infantis, já em um momento posterior, seriam tentativas das crianças de elaborar essa invasão pulsional enigmática.

Silvia Bleichmar acompanha Laplanche e aponta que, para ele, a sedução originária está na origem das pulsões. Nesse momento, porém, a autora se diferencia, propondo que o surgimento da pulsão é anterior à pressão exercida pelas representações-coisa no ego. Para ela, já se pode falar em pulsão desde o momento das primeiras inscrições (antes de o recalçamento fixar a pulsão ao inconsciente), quando já há movimentos compulsivos que tentam evacuar uma quantidade de energia, excitação gerada pela intrusão do sexual do adulto (Bleichmar, 1994a). Ou seja, para Bleichmar, a origem da pulsão é anterior ao segundo tempo do recalçamento originário, no qual nos deteremos mais adiante.

Há ainda mais um ponto que nos interessa. Para a psicanalista que nos serve de objeto de estudo, as primeiras inscrições transmitidas têm suporte material,<sup>3</sup> condição para que a transmissão

---

<sup>1</sup> Esses assuntos serão aprofundados no item 3.1.

<sup>2</sup> Esses assuntos serão aprofundados no item 3.1.

<sup>3</sup> A materialidade na obra de Bleichmar será abordada no item 3.2.

de qualquer mensagem ocorra. São enviadas às crianças mensagens enigmáticas e desqualificadas,<sup>4</sup> cujo significado é impossível de ser recuperado, já que são desconhecidas pelo ego do próprio emissor. No que consiste esse suporte material ao qual a autora se refere? Bleichmar (1994a) fala sobre a importância do “histórico-vivencial”, sobre “historicização do traumatismo” (p. 129), “tempos reais, históricos”, e “tempos não míticos” (p. 140). Por ora, deixaremos tais perguntas em aberto, para aprofundá-las no Capítulo 3. Acrescentemos apenas uma citação que trata desse universo de questões, apesar de sabermos que ela não dará conta de respondê-las:

A realidade estruturante do inconsciente infantil, aquela que tem a ver com o inconsciente parental e com o Édipo, não é a realidade da família: é ao mesmo tempo mais reduzida e mais ampla. É mais reduzida porque não são todas as interações familiares que se inscrevem no inconsciente da criança; é mais ampla porque se desloca através de objetos substitutos que adquirem significado por traços metáforo-metonímicos dos objetos originários, objetos que Freud levou muito em consideração ao longo de seu trabalho, e fundamentalmente em seus históricos: cuidadores, educadores, familiares distantes. (Bleichmar, 1994a, p. 139).

Retomemos. Há, portanto, segundo Bleichmar, uma excitação que é originalmente endógena ao recém-nascido. Num segundo momento, a mãe, ao oferecer um objeto visando à saciação dessa excitação, dá origem, ainda que de modo inconsciente, a uma nova fonte de excitação, a fonte da pulsão. Esta é, em sua origem, exógena ao bebê, pois provém do inconsciente da mãe e de sua sexualidade. A excitação nutricional primeira do bebê é satisfeita, mas logo surge uma nova excitação endógena advinda de uma quantidade exterior. É por essa via que pensamos que uma quantidade de energia exterior, exógena, transforma-se em excitação interna, endógena.

## **2.2 A dupla função da mãe**

Até aqui nos detivemos nos movimentos fundantes da pulsão. Mas como o bebê, no início da vida, mesmo antes do recalque originário, antes também da instalação de seu ego, resolve essas tensões?

A mãe tem uma dupla função, que é, ao mesmo tempo que libidiniza o corpo da criança — produzindo aumento de excitação e fundando o pulsional —, a necessidade de prover as condições

---

<sup>4</sup> Laplanche afirma que tais mensagens não veiculam nada além de energia.

para que essa excitação seja digerida, processada e escoada. Ao cuidar da criança, a mãe instala o pulsional desligado e também propicia o estabelecimento das vias de ligação da excitação pulsional que ela mesma criou.

Inicialmente, o bebê não tem as condições necessárias para dar conta desse excesso sozinho e precisa de assistência de um outro capaz de ligar tais excedentes excitatórios. De saída, a mãe emprestará suas possibilidades egoicas de ligação da libido e fará essa função junto ao seu bebê, condição para que mais tarde ele possa constituir um ego próprio. São estes os primeiros cuidados, que Bleichmar relaciona com o conceito winnicottiano de *holding*:

No momento da amamentação, a mãe, provida de um ego, capaz de investir narcisicamente o bebê e não apenas de propiciar a introdução de quantidades sexuais pontuais, não ligadas, acariciará as mãozinhas, sustentará a cabeça com delicadeza, acomodará as pernas da cria, gerando a partir disto vias colaterais de ligação<sup>5</sup>. (Bleichmar, 1994a, p. 27).

Quando pensamos em dupla função materna, partimos de uma noção essencial: a clivagem psíquica do adulto das origens (mãe/cuidador), sujeito dividido, com dois sistemas operando ao mesmo tempo — quais sejam, o sistema psíquico com funcionamento regido pelo processo primário e o sistema psíquico com funcionamento regido pelo processo secundário. Assim, por um lado a mãe (atravessada pelo seu inconsciente) instaura o pulsional enviando mensagens enigmáticas ao bebê, por outro (marcada pelo sistema egoico narcisista) tem condições de fazer as ligações que o bebê não é capaz de fazer, oferecendo sua possibilidade de simbolização. Assim, Laplanche descreve que esse adulto (que não é senhor de sua própria casa) endereça a todo momento “mensagens contraditórias” (Laplanche, 1992 [1987]) à criança, ao mesmo tempo excitantes e apaziguantes. O seio pode ser pensado a partir dessa dupla função: enquanto apazigua a fome do bebê, invade-o de forma intrusiva e traumática com um excesso pulsional próprio da sexualidade adulta.

Como esse adulto das origens apazigua as tensões que ele mesmo cria? Supondo e se adaptando às necessidades do bebê, a partir da possibilidade de ver diante de si um sujeito existente desde as origens, ao qual atribui pensamento, um ser humano representado de forma totalizante pelo psiquismo materno, realizando os primeiros cuidados, conversando com a cria, investindo-a, significando seus movimentos, acolhendo-a. Esse pressuposto de que diante de si há um sujeito

---

<sup>5</sup> A proposta de vias colaterais de ligação será aprofundada no item 2.3.

que possui os mesmos atributos psíquicos que possuímos permite que o adulto propicie acolhimento, aproximando-se de forma amorosa e terna do bebê a fim de satisfazer suas necessidades. Está aí também a base para que mais adiante o bebê possa se sentir humano. Mas e quando há falhas nessa instalação?

No caso de Vinícius, podemos supor que muitos de seus comportamentos (tanto aqueles apontados pela escola como os que vivi com ele nos atendimentos) eram tentativas falhas de escoamento de uma energia sem direção. Não parece ser suficiente, então, qualquer explicação que conceba esses comportamentos como agressões com intencionalidade, seja ela consciente ou inconsciente. Um excesso de excitação sem contrapartida de ligação estaria causando uma ação compulsiva e compulsória, assim como uma caixa d'água que passa de seu limite de capacidade de volume.

Cabe aqui uma breve retomada de duas situações descritas anteriormente. No “Momento 2: com Vinícius, tudo escorre”, sua chegada para a análise fica marcada pelo caos. Os brinquedos são espalhados pela sala, todos desmontados em peças pequenas, pisoteados. Vinícius esbarra e pisa nas coisas, e tudo parece estar prestes a quebrar.

Na “Sessão 4”, o menino nos brinda com uma boa metáfora imagética daquilo que poderia ocorrer a partir desse tipo de excitação a princípio excedente e não ligada, já em um esforço na busca por ligações. No desenho que faz da fazenda, procura colocar contornos (literais) para as pessoas e coisas, empreitada iniciada na “Sessão 1”, na companhia da mãe, e que vai se desdobrando ao longo dos encontros seguintes. Ele contorna a casa e o chão e separa o espaço dos bichos do espaço das comidas. Apesar desse esforço de organização, ele coloca a comida saindo como água pelos canos, lembrando uma espécie de diarreia canalizada.

Voltemos à teoria. Se não há um semelhante materno apto a essa dupla função e se o bebê é invadido pelo excitante traumático, fica submetido a repetições e evacuações constantes, com seu psiquismo regido pelo mais aquém do princípio do prazer. Ou seja, o que invade o bebê de forma desligada produz dor constante, traumatismo constante e, portanto, constante tentativa de evacuação, sem possibilidade de encontrar o repouso.

Mas de que o semelhante precisa para estar apto a possibilitar tais vias de ligação desde muito cedo, freando as evacuações compulsivas e possibilitando momentos de repouso?

Quando a mãe sofreu com falhas em seu narcisismo, observamos dificuldades nos primeiros cuidados com seu bebê no que concerne ao exercício da função apaziguadora. Bleichmar aponta

para a diferença quando tais falhas são efeito de uma estruturação egoica frágil, ou então de uma depressão em que temporariamente a libido narcísica é retirada do objeto. Em ambas as condições, o bebê receberá a intrusão da sexualidade adulta não ligada, ao mesmo tempo que contará com uma mãe impedida de assisti-lo na descarga de tais tensões.

Seu olhar (materno), seja centrado “autoeroticamente” na relação entre a boca e o mamilo, seja ausente, não verá o resto do corpo do bebê, não verá a totalidade sobre a qual se instalará a representação que tome a seu encargo, *a posteriori*, o ego como transposição totalizante da superfície corporal. Os bracinhos ficarão interpostos de forma obstaculizante, as pernas ficarão dependuradas de qualquer jeito, a cabeça não encaixará no braço. Não haverá carícias nem sustentação da mão materna que permita a constituição de “investimentos colaterais”<sup>6</sup>. (Bleichmar, 1994a, p. 32).

Assim, a energia que ingressa não terá meios para derivar-se, e os efeitos se darão no bebê: o desprazer não será aplacado, levando a um dos efeitos possíveis — qual seja, na tentativa desesperada de diminuição de tensão, o bebê prende-se vorazmente ao seio. A voracidade sem apaziguamento seria um dos efeitos da impossibilidade da mãe de funcionar como um ego auxiliar para seu bebê. Do lado materno, a aparente fome constante do bebê poderá provocar tamanha angústia com a impressão de que ela não sabe o que se passa com o filho, já que alimentá-lo não apazigua seu desprazer.

O narcisismo da mãe não depende apenas daquilo que já foi vivido em um suposto primeiro momento da constituição de seu psiquismo, mas também das relações atuais de amparo que ela pode ou não encontrar em seu entorno. Nas palavras de Bleichmar:

Para que a cadeia de facilitações possa frear seus modos de evacuação compulsivos e instaurar vias colaterais que propiciem um entramado ligador desde as origens, é necessário não apenas que o semelhante seja um sujeito falante senão que se aproxime à cria humana com representações totalizantes, narcisistas. Estes sistemas de representação egoico-narcisistas têm, supostamente, como pré-requisito, a instalação do processo secundário [...]. Mas isso, embora sendo condição necessária, não é suficiente. Para que estes sistemas representacionais do auxiliar materno operem, gerando condições de ligação na criança, devem estar em funcionamento pleno no momento da criação. Falhas ocasionais: traumatismos severos do lado da mãe, ou depressões, como as descritas por Francis Tustin, determinadas por circunstâncias históricas, podem impedir sua ação e deixar a cria humana entregue a facilitações não articuladas que a submetam a uma dor

---

<sup>6</sup> Essa noção será aprofundada no item 2.3.

constante com tendência a uma compulsão evacuativa que responda a um *mais aquém do princípio do prazer*. (Bleichmar, 1994a, p. 31, grifo da autora).

No caso de Vinícius, temos elementos para supor que ambos, ele e sua mãe, viviam um isolamento relacional. O funcionamento pleno dos sistemas representacionais maternos no momento da criação desse filho estava impedido.

Para ilustrar a solidão de menino, retomemos os primeiros atendimentos comigo. Fico em dúvida se minha presença é notada por ele, se existo para Vinícius. A solidão que eu experiencio transferencialmente provoca em mim enorme inquietação, e questiono-me se eu seria capaz de ajudá-lo, já que ele parecia indiferente à minha companhia. Nesse início, quando muito, dirige-se a mim verbalizando perguntas para as quais parece não esperar respostas. No “Momento 2”, ele diz: “é um jogo que pode jogar junto ou sozinho, e eu prefiro sozinho”.

Agora voltemo-nos para o isolamento da mãe. O trabalho que faço nos atendimentos com Valéria tem como um dos eixos principais ajudá-la a se organizar. Desde o início, fica claro que essa é uma dificuldade grande; afinal, ela precisa dar conta de tudo sozinha, não tem uma rede de apoio que a acompanha. Sua história de vida é marcada por enormes responsabilidades e grande solidão desde muito cedo e de forma ininterrupta. No momento em que me procura para atender seu filho, seu entorno também está imensamente desorganizado: ela tentava lidar com os diversos estigmas com os quais procuravam enquadrar seu filho e precisava estar acompanhada como condição para enxergá-lo para além desses estigmas. A própria percepção de falta de uma rede de apoio e a conseqüente busca por pessoas aptas a constituí-la, quando possível com as formas de participação conjunta com o analista, se torna, em um caso como esses, um dos maiores objetivos de análise, ao menos num primeiro momento.

Ao longo do acompanhamento, nos atendimentos com a mãe, esse sempre foi um dos eixos da escuta. Os cuidados necessários para que Vinícius recuperasse as falências em seu processo de estruturação não podiam ser sustentados apenas por uma pessoa; era necessário que Valéria contasse com ajuda. Tanto no sentido de terapia para si, quanto com uma rede de cuidado apropriado nos espaços onde o filho circulava. Nesse sentido, é possível supor que a busca de Valéria por suporte familiar em outro estado foi um dos efeitos de nosso processo.

Para seguirmos com as considerações sobre entraves no exercício da dupla função materna, voltemo-nos ao Caso Daniel, apresentado por Bleichmar nas primeiras páginas de *A fundação do inconsciente* (1994a). Trata-se de um bebê que não parava de chorar, não dormia, nada parecia

satisfazê-lo. A autora traz esse caso para defender a diferença na intervenção quando se toma as manifestações como sintomas ou então como transtorno, diferenciação fundamental proposta por ela, na qual nos deteremos adiante.

A partir desse caso, Bleichmar escreve que as fantasias dos pais também afetam a possibilidade de exercer a função da qual tratamos nos últimos parágrafos. No caso trabalhado por ela, entraves no narcisismo secundário materno impediam a mãe de entender seu filho, capturá-lo no nosso sistema de signos. Sobre tal captura, a autora escreve: “sistema [de signos] sem dúvida alienante, mas constituinte, na medida em que se propiciam as ligações que dão origem ao ego futuro” (Bleichmar, 1994a, p. 18). Em nota de rodapé, ela se contrapõe ao lacanismo e suas “funções matemáticas despojadas do inconsciente de proveniência” (Bleichmar, 1994a, p. 16) e realça que a criação da criança é marcada pelo imaginário fantasmático dos pais. Assim, podemos supor que o imaginário fantasmático dos pais impede e/ou possibilita que eles exerçam a função ligadora, produzindo efeitos no psiquismo da criança.

### 2.3 Narcisismo transvazante

Sigamos com a pergunta feita anteriormente: o que é condição de possibilidade no adulto para que seja feito esse investimento amoroso em seu bebê? Em *A fundação do inconsciente* (1994a), Silvia Bleichmar apresenta a noção de narcisismo transvazante, advinda justamente da dupla função materna na constituição do aparelho psíquico.

O adulto sedutor implanta mensagens sexuais, cuja tradução depende da oferta que o próprio adulto faz à criança, dos recursos de simbolização, contenção e apaziguamento que acompanham sua ternura e seu acolhimento narcísico. Trata-se aqui do que Bleichmar designou, de forma tão apropriada, como o “narcisismo transvasante” dos pais e demais pessoas que tomam a criança como objeto de cuidado e amor. O adulto sedutor e o adulto tradutor são, portanto, os dois lados da mesma figura. (Carvalho, 2007, p.16).

Para Dittmar (2018), narcisismo transvazante é um “conceito aglutinador”, dadas a sua riqueza e a sua grande potencialidade de nos fazer trabalhar com diversos aspectos da função materna e simbolizações iniciais da infância. Ainda segundo a autora, ele nos remete ao conceito de *rêverie*, de Bion, ao *holding*, de Winnicott, e também à violência da interpretação, de Piera Aulagnier (autora mencionada por Bleichmar quando tratava da importância do narcisismo

materno como função instituinte da subjetividade). Trata-se de diferentes aspectos da função materna, que nos permitem pensar, das formas iniciais até as mais sofisticadas, os primeiros encontros do bebê com o adulto, e estão relacionados com a possibilidade de alternância geracional (Dittmar, 2018).

O autoerotismo já é um primeiro indício dessa implantação feita pela mãe das primeiras vias de ligação, sendo a base para constituição futura do eu. Silvia Bleichmar (1994a) nomeia de narcisismo transvazante da mãe a possibilidade de atribuir ao bebê consciência tal como a nossa sem reduzi-lo a um efeito de uma relação especular. Ou seja, trata-se da possibilidade de amá-lo como um todo, como uma *Gestalt* organizada, alguém “pensável”, “fantasmaticável” (condições de vida), mas sem se apoderar do corpo do bebê, já que a mãe pode “pensá-lo” no interior de uma diferença fundamental que de saída o coloca no lugar de alteridade.

Sobre essa relação, Dittmar escreve:

Para poder amar o filho, é necessário poder amar o outro, que, sendo como si mesmo, é ao mesmo tempo outro. Para Bleichmar, nos momentos iniciais, essa não pode ser pensada como uma relação intersubjetiva, pois, do lado da criança, não há sujeito constituído. O que marca essa relação é, do lado do adulto, a pressuposição de um sujeito já existente desde a origem. (Dittmar, 2018).

Nos primeiros cuidados com a criança, como já trabalhamos aqui, o adulto, além de implantar o pulsional, propicia as vias de ligação, de derivação, gerando vias colaterais de ligação para os excessos do bebê, vias de circulação da excitação remanescente. Isso é feito a partir de movimentos para se identificar com a criança no sentido transitivo e também de identificá-la como um outro da mesma espécie (Bleichmar, 1994a). É o que a autora nomeia como entramado de base que vai sendo estruturado a partir das primeiras vias de ligação ofertadas ao bebê para que dê conta das excitações que o invadem. Como veremos mais adiante, será esse entramado que dará origem ao eu e sobre o qual o recalçamento originário virá constituir as diferenças tópicas (Bleichmar, 1994a, p. 193). Tal entramado possibilitará que o recalçamento, quando instalado, não fique operando como contrainvestimento do inconsciente, mas sustentado por um conjunto de representações mediadoras (Bleichmar, 1994a, p. 27).

Nas palavras da autora:

Essa apropriação ontológica, como a denominamos, é condição de verossimilidade, expressa no sujeito psíquico como convicção a respeito de sua

própria existência humana. O imaginário materno, ao conceber-se como estando no marco de uma “intersubjetividade”, com a atribuição à cria de desejos, angústias, fantasias e pensamentos de todo tipo, gera a subjetividade na cria. (Bleichmar, 2015a, p. 88).

Essa noção é de extrema importância, já que a capacidade de transitivismo da mãe está relacionada com a possibilidade de a cria algum dia sentir-se humana no interior de sua própria pele. Bleichmar aproxima essa ideia daquilo que Winnicott nomeou como “sentimento de si”. Nas belas palavras da psicanalista, “era necessário uma mãe que, como um demiurgo, insuflasse amor em seu alento para que a cria humana se tornasse realmente humanizada, com ‘consciência de si’ e possibilidade de mitificar-se a si mesma” (Bleichmar, 1994a, p. 18).

Daí se depreendem algumas considerações sobre quando o narcisismo transvazante não pode ser exercido com a cria, o que tem estreita relação com o narcisismo materno, como propõe a autora.

Em outras palavras, quando a mãe está impedida de identificar o filho como na ordem do humano, ao mesmo tempo parte e desprendido de si mesma, ocorre a instalação da pulsão sem que os elementos ligadores a ordenem. Supondo, em uma hipótese extrema, que o entramado de base simplesmente não se forma, teríamos, como decorrência, a impossibilidade da constituição do ego e das diferenças tópicas decorrentes do recalque originário (Bleichmar, 1994a, p. 201).

Bleichmar é considerada uma pensadora otimista, já que propõe um aparelho sempre aberto ao real externo e a novas recomposições, algo que temos pontuado ao longo de nosso texto. Assim, afirmar que o psiquismo de Vinícius tem uma falha na formação de seu entramado de base também abre para um universo de intervenções estruturantes.

Algumas intervenções narradas ilustram esse processo. Retomemos. A brincadeira em que nomeio seus dedos enquanto Vinícius roda a tampinha de panela (“Momento 7”), também quando conto a ele as partes de seu corpo que vão aparecendo quando está escondido atrás da poltrona (“Sessão 2”). São brincadeiras vividas com muita vibração por nós, porque parece que há um prazer que circula à medida que vamos contornando seu corpo e também sua existência. É com muita alegria que constata, no “Momento 3”, que a mãe dele chorou *assim como ele faz* quando está com medo. Se, na “Sessão 2”, confessa que não é uma pessoa, parece que é este caminho que estamos percorrendo ao longo de nosso trabalho: na direção de que Vinícius se sinta humano no interior de sua própria pele, condição para que também possa mitificar-se a si mesmo.

## 2.4 Os dois tempos do recalque originário e a fundação do inconsciente

No já citado *A fundação do inconsciente* (1994a), Silvia Bleichmar se propõe a fazer uma teoria das origens a partir da ideia de um inconsciente a ser fundado — portanto, não existente desde sempre. Uma das perguntas centrais que coloca é: quais condições para que o inconsciente se instaure?. A autora nos conduz a três eixos fundantes dos quais o inconsciente é produto: 1) a cultura que antecede a criança e os pais e oferece os elementos para que estes leiam o bebê — cultura essa que futuramente terá sua grande importância na descaptura da criança pelo olhar dos pais, já que se trata de um código que transcende a todos —; 2) a relação sexualizante com um semelhante; 3) o recalque originário (Bleichmar, 1994a, p. 9).

Agora, nos deteremos no recalque originário, que se estabelece sobre as primeiras inscrições e tem como efeito a fundação do inconsciente.

Bleichmar (1994a) se apoia em Laplanche e separa o recalque originário em dois tempos. O primeiro deles consiste na inscrição das primeiras marcas, assunto de que já tratamos, referentes à introdução da sexualidade adulta nos movimentos de cuidado que a mãe dirige ao filho. O bebê vive a implantação de significantes enigmáticos de modo *passivo*, sendo invadido por uma quantidade de tensão que permanece em espera.

Já o segundo tempo do recalque originário é *ativo*. Não se dá em um ato, mas é produto de movimentos complexos da criança no sentido de se apropriar, significar, ligar aquilo que foi implantado nela. É nesse momento que surgem as teorias sexuais infantis, uma tentativa de cercar tais inscrições e trazê-las para dentro das possibilidades de comunicação. Seriam as brincadeiras também outra forma de significar aquilo que inicialmente veio do exterior, mas que já excita desde dentro?

No segundo tempo do recalque originário acontece uma apropriação bastante singular que o sujeito faz das inscrições que recebera de forma passiva. Para Perdomo (2007), isso não se dá em um campo intersubjetivo, já que a criança parte de elementos externos, mas realiza o seu processo de apropriação de forma singular e única. Só a partir desse momento do recalque originário é que se pode dizer que há relações de conflito entre os sistemas pré-consciente e inconsciente, assim como que as inscrições originárias encontraram lugar definitivo na tópica — no inconsciente, agora sim, fundado. O recalque originário, dessa forma, funda o inconsciente.

Perguntamo-nos: quais são as inscrições que são recalçadas nesse segundo tempo?

Bleichmar recorre à observação clínica para descrever um momento de inquietação e agitação da criança nos tempos anteriores ao recalque originário. Ao longo da obra da autora, fica claro que os tempos de constituição para ela são passíveis de serem “vistos a olhos nus” por um clínico atento.

Retornemos aos momentos anteriores ao recalque originário. Nesse tempo, o ego também não está constituído, portanto o objeto é composto indiciaticamente.<sup>7</sup> A inquietação que pode ser observada seria decorrência de um tempo em que inscrições implantadas pelos adultos cuidadores coexistem no psiquismo da criança. A busca por satisfação se dá de modo direto, pela via do polo motor que descarrega de maneira compulsiva tais excitações sexuais. Ainda sobre esse processo, a autora segue: “A pulsão em si mesma só vai em busca da descarga; aquilo que obstaculize esta descarga levará a movimentos de complexização defensiva que culminam nos processos fundantes da tópica psíquica” (Bleichmar, 1994a, p. 133).

A causa do mal-estar e da inquietação nesse momento é a coexistência de representações divergentes no psiquismo. O recalque originário trata de separar as representações divergentes, depositando no inconsciente e afastando da consciência o autoerotismo infantil e as pulsões parciais. Antes da tópica fundada, perguntamo-nos: de que divergem tais representações que serão recalçadas? Segundo Moraes, em sua dissertação *Do recalque originário aos signos de percepção: contribuições de Silvia Bleichmar à psicanálise* (2019),

em *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito* (1994), a inscrição pulsional se afasta não apenas temporalmente do recalque originário, torna-se independente deste, no sentido de que nem todas as inscrições pulsionais serão recalçadas, somente as contrainvestidas pela mãe. Dito de outra forma, apenas inscrições que puderam se ligar a alguma forma de contracarga<sup>8</sup> poderão fazer parte do inconsciente recalcado originariamente. Aquelas inscrições que não tiveram possibilidade de ligação alguma, seja pelo discurso da proibição, seja pela via do narcisismo materno, formarão o arcaico. (2019, p. 82).

E o que seria essa força de contrainvestimento, tão fundamental, exercida pela mãe? Bleichmar, no último capítulo de *A fundação do inconsciente* (1994a), escreve sobre as condições para que ocorra o recalque originário. Uma das perguntas que ela se faz ao longo do texto é: de onde o recalque extrai sua força? E é nesse ponto, lançando mão da observação de crianças, que

---

<sup>7</sup> Essa ideia está aprofundada no item 3.2.

<sup>8</sup> Moraes (2019) utiliza “contracarga” e “contrainvestimento” como sinônimos. No presente texto, optaremos pelo uso de “contrainvestimento”.

ela se aprofunda na força de contrainvestimento proveniente das proibições do outro materno. Bleichmar descreve situações cotidianas em que uma criança já é capaz de controlar o esfíncter e usar o vaso (ou seja, que abandonou tal satisfação direta, autoerótica), porém não se importa de fazê-lo na frente de outras crianças (o que causaria constrangimento ou asco em uma criança um pouco mais velha). A essa altura, a criança ainda precisa de um esforço ativo para a renúncia dessa satisfação pulsional, fazendo-a pelo amor do adulto. É a mãe quem diz que a criança já pode usar o vaso, e é respondendo a essa demanda de amor materna que a criança conquista tal autonomia. Retomemos a pergunta feita anteriormente: de que divergem as representações que serão recalçadas? De início, tais representações divergem das proibições maternas.

Nesse momento anterior ao recalque originário, as renúncias à amamentação, às fezes, à mamadeira e à chupeta são feitas pelo amor da mãe. Aqui, ainda estamos numa lógica anterior às problemáticas edípicas, o que significa, complementa Bleichmar, que se trata de uma “polaridade vida-aniquilamento. Nesse sentido é que conservar o amor da mãe — ser — aparece como oposto a perder o amor da mãe — aniquilamento” (Bleichmar, 1994a, p. 183). Tais proibições advindas dos pais, ou melhor, as exigências dirigidas à criança que permitirão sua inserção na cultura, vão compondo no psiquismo da criança a constituição do ego ideal, momento logo anterior ao do recalque originário.

Essas proibições é que vão fornecer energia para a força de contrainvestimento nesse tempo anterior ao recalque originário. É aí, nas palavras da autora, que “o esforço da criança (que se recusa conscientemente à satisfação de uma demanda pulsional) é então de magnitude. E qualquer situação externa pode reavivar a excitação concomitante aos prazeres abandonados” (Bleichmar, 1994a, p. 182).

Quando o que está sendo recusado com tamanho esforço é enfim recalcado, observa-se nas crianças um momento de tranquilidade em que cessam as manifestações comuns do tempo anterior, tais como agitação, angústia e irritabilidade. Após a fundação do inconsciente, a satisfação pulsional que estava sendo recusada, despendendo tamanho esforço, será recalçada, tornando-se estranhas ao ego, e então caberá à economia psíquica a regulação entre desejo e defesa. A força do recalque, nesse segundo momento, será proveniente do próprio sintoma, já que produzirá um ganho de prazer como efeito do retorno do recalcado, diferente do contrainvestimento ou da formação substitutiva simples (Bleichmar, 1994a, p. 193).

Assim, seguindo Bleichmar em suas proposições, o adulto das origens é responsável: 1) pela inscrição pulsional; 2) pela oferta das primeiras vias para escoamento das excitações (dupla função materna); e também, acrescentamos agora, 3) pela inscrição da força de contrainvestimento. Moraes propõe que há na teoria bleichmariana uma terceira função materna:

Neste sentido, talvez seja possível sugerir uma tripla função materna. A dupla função materna fala da mãe que excita, permitindo a inscrição de marcas de sexualidade advindas de seu próprio inconsciente, e da mãe que acalma, dando possibilidade de ligação às inscrições pulsionais, por movimentos do lado de seu narcisismo transvazante, do lado de seu ego. Mas é esta mesma mãe que coloca proibições, permitindo, assim, alguma transcrição ao que não foi capturado pelo narcisismo. A mãe de Silvia Bleichmar exerce a dupla função materna e também a função paterna. (2019, p. 88).

Enquanto outros autores enfocam o caráter endógeno ou mítico do recalque originário, Bleichmar o conceitua apoiado em tempos reais e históricos, inscrito a partir do campo intersubjetivo, passível de ser observado na clínica. Voltaremos a isso adiante. Ou seja, é no encontro do bebê com o adulto que se darão as primeiras inscrições das representações em seu psiquismo (mas ainda não no consciente ou inconsciente) em um primeiro tempo, quando ainda não há inconsciente fundado. Após o recalque originário, tais inscrições serão fixadas na tópica, a depender da origem delas no psiquismo da mãe:

Representações advindas do encontro com o inconsciente materno, carregadas de prazer no cuidado com o corpo do filho — no encontro entre corpos — se destinarão ao inconsciente pulsional e representações advindas do encontro com o ego e com o narcisismo transvazante da mãe se destinarão ao ego (inconsciente ou não) da criança. (Bleichmar, 2005, p. 96).

O encontro inicial entre o bebê e seus cuidadores é de máxima importância na teoria bleichmariana. Na apresentação de nosso caso clínico, buscamos rastrear o encontro que se deu entre Vinícius e seus outros. Trata-se de um retrato possível de uma situação de entraves nesse processo de instalação do recalque originário. A mãe implanta no filho uma desordem, e o entrave no processo do recalque originário não produz o ordenamento necessário como condição de vida psíquica. Sem a constituição dos diques pulsionais parciais e com aparente escassez dos investimentos colaterais, estamos diante de um sistema empobrecido de escoamento de excitação pela via da compulsão, como apontado anteriormente.

## 2.5 Transtorno *versus* sintoma

Como vimos até aqui, nos primeiros tempos não há *sintoma*; ele se produz só depois. O sintoma é uma manifestação tardia que se dá apenas quando as instâncias psíquicas já estão fundadas e, portanto, quando pode haver conflito intrassistêmico, entre desejo e defesa. O que há no início, antes da fundação do inconsciente e constituição do eu, são estados de apatia e de desorganização, chamados por Bleichmar de transtornos — que são, para ela, déficits na produção simbólica, falhas na estrutura de ligação.

O Caso Daniel, exemplo de transtorno do sono atendido por Bleichmar e já relatado aqui, descreve bem um quadro em que aparecem manifestações anteriores ao recalque originário e, portanto, não passíveis de interpretação no sentido de uma compreensão da manifestação patológica como resultado de fantasias inconscientes. Bleichmar amplia tal compreensão para outras manifestações. Escreve sobre enurese e encoprese primárias, e também sobre transtornos de pensamento, aprendizagem, linguagem e marcha, os quais não são efeitos de inibições secundárias: “(não são) passíveis de resolução mediante o acesso a seu conteúdo inconsciente por livre associação, senão que por múltiplas intervenções que tendem a um reordenamento psíquico” (Bleichmar, 1994a, p. 178).

Retornando rapidamente para o recalque originário, nesse processo de sepultamento das inscrições divergentes, que as mantém afastadas da consciência, algumas inscrições não são recalçadas para o inconsciente. Uma parte delas, proveniente de traumatismos severos, nunca será simbolizável e ficará de fora da comunicação, fora do sistema inconsciente, vagando pelo aparelho, também sem estar ligada ao sistema consciente. Sobre tais inscrições, signos de percepção, Bleichmar escreve:

Chamei esses signos de percepção — dos quais Freud fala na Carta 52/112 — de elementos arcaicos que devem ser concebidos semioticamente não como significantes, mas como indícios, e restituídos em sua gênese mediante pontes simbólicas, efeito da intervenção analítica. (Bleichmar, 2015b, p. 25).

Ao longo de sua obra, Bleichmar relata inúmeros casos de psiquismos predominantemente neuróticos, cujos funcionamentos eram marcados por uma falha no recalque originário e apresentavam manifestações que eram compreendidas por ela como transtornos. Nesses casos, a

“razão de análise”<sup>9</sup> entendida pela analista era recompor o funcionamento do psiquismo no sentido de produzir pontes simbólicas faltantes, processo que denomina de neogênese.

Em seu texto “Do motivo da consulta à razão da análise” (2015b), Bleichmar narra a busca de um paciente por análise logo após um acidente de carro que sofre por desatenção. Ela problematiza interpretações no sentido de que ele estava se colocando de propósito em risco, com a intenção de morrer, e entende que aquele evento evidencia estados de desatenção pelos quais vez ou outra é tragado. O acidente de carro colocou em destaque um modo de funcionamento precário da angústia sinal, com falhas graves no funcionamento egoico; o perigo era precariamente simbolizado por esse sujeito. Ou seja, não estamos diante de um paciente que se beneficiaria de interpretação no sentido do desvelamento do sintoma e da análise dos fantasmas inconscientes que o colocariam em risco, mas sim que tem como funcionamento dominante o transtorno. O trabalho analítico com ele, então, seria recompor o funcionamento estrutural no sentido de produzir as pontes simbólicas faltantes.

## **2.6 Do motivo da consulta à razão da análise**

Ainda em “Do motivo de consulta à razão da análise” (2015b), Bleichmar marca a importância de definirmos, “com precisão, as condições de início da análise, ou o que poderíamos chamar a definição da estratégia da cura” (p. 17). Partindo dessas condições, ou seja, a partir do que o analista compreende acerca da constituição daquele paciente, será delimitado o diagnóstico e então a direção de trabalho a ser tomada.

Iniciar uma análise aos moldes de desvelar o inconsciente recalcado sendo que a tópica não está constituída atravessada pela repressão — ou seja, quando as condições estruturais não estão dadas — leva “à perda de tempos valiosíssimos e, inclusive, irrecuperáveis no caso de patologias graves” (p. 18). Bleichmar tem uma postura contundente. Ao longo de sua obra, defende que a análise deve ser compreendida como um processo capaz de produzir transformações reais no psiquismo, no sentido de, no encontro analítico, levar à criação de elementos novos que reorganizarão o funcionamento psíquico.

Ainda nesse mesmo texto, a autora se contrapõe ao pressuposto “motivo da consulta latente”. Tal termo, ela explica a autora, remete à ideia de que, na chegada de um paciente à análise,

---

<sup>9</sup> O que Bleichmar entende por “razão de análise” será abordado a seguir.

haveria um motivo manifesto que impulsionou sua procura pelo tratamento, e que no decorrer da análise seria revelada a razão da consulta latente. Daí entendermos que ela está se contrapondo à ideia de que haveria algo inconsciente na procura de alguém por análise.

Dessa forma, Bleichmar se posiciona contra a proposição de que a patologia a ser revelada estaria no inconsciente; inclui sua noção de que os sofrimentos patológicos são justamente aqueles provenientes do “efeito das relações entre os sistemas psíquicos e não algo que está constituído no interior do inconsciente” (p. 21). Distancia-se, portanto, da concepção de motivo latente do paciente, e desliza para sua ideia de “razão de análise”. A noção de “razão de análise” proposta por ela será uma construção feita pelo analista para orientar seu próprio trabalho com cada um de seus pacientes. A compreensão sobre a constituição do paciente é central como a razão do analista para atendê-lo.

Se na época de Freud os pacientes eram ou não analisáveis, e aceitá-los em análise dependia da presença das condições estruturais, Bleichmar menciona os avanços dos autores pós-freudianos no sentido de ampliar o método analítico para além das estruturas neuróticas. Dessa forma, ela defende que é fundamental que no início da análise seja definida a estratégia terapêutica com base na compreensão do analista acerca da organização psíquica daquele paciente.

A “razão da análise”, então, seria ou a “detecção de um sujeito em análise, plausível de instalar-se no interior do método” ou então “a construção de um sujeito em análise, no qual se criam os pré-requisitos necessários para o funcionamento psíquico e a organização tópica que possibilita esse funcionamento” (p. 21). Neste segundo ponto, a autora se refere a casos que têm o transtorno como funcionamento dominante, e a razão da análise será, portanto, a construção do aparelho — ou seja, o trabalho se dará no sentido de uma neogênese<sup>10</sup>.

Sobre o método, nesse artigo Bleichmar pontua que ele deve ser pautado pela razão de análise, mencionando pagamento, uso ou não do divã, frequência. Pergunto-me sobre as especificidades do trabalho com crianças: como a razão da análise interfere no método a ser adotado, e também no lugar dado aos pais na análise de seus filhos? O tempo da infância, coloca a autora, é um tempo do aparelho em constituição, e essa é uma especificidade importante na análise com crianças, já que um trabalho feito nesse momento pode desbloquear a construção de um psiquismo em risco.

---

<sup>10</sup> Este conceito será aprofundado no Capítulo 3.

Voltemos a essas questões à luz do Caso Vinícius, retornando ao motivo da consulta para traçar a passagem para a razão da análise. Para isso, vale explicitar que estamos circundando o terreno da não neurose. No prefácio a *Clínica psicanalítica e neogênese*, Mello, Vetorazzo e Perdomo escrevem que Silvia Bleichmar

coloca a intervenção analítica além do desvelamento daquilo que já se encontra de certa forma simbolizado e recalcado secundariamente — ou seja, além dos sintomas — para pensá-la como forma de “engendramento” de novos modos de produção simbólica que possibilitem a fundação e recomposição de falhas estruturais para o funcionamento psíquico, com o objetivo de diminuição do sofrimento mental e incremento da potencialidade de pensamento e desenvolvimento da inteligência. (Mello; Vetorazzo; Perdomo, 2005, p.10).

Quando se referem a “além do desvelamento daquilo que já se encontra de certa forma simbolizado e recalcado”, “além dos sintomas”, referem-se a um aquém desses processos secundários — ou seja, a processos de fundação do aparelho psíquico, nos quais nos detivemos nos itens anteriores.

Nos primeiros contatos com Valéria, relatados no “Momento 1”, estávamos diante do que Silvia Bleichmar chamou de “motivo da consulta”. Vinícius é levado à terapia porque tem comportamentos agressivos que acabam colocando em risco ele próprio e quem mais estiver por perto. Sua presença agitada é apressadamente significada por seus cuidadores como da ordem da violência. A preocupação da diretora, ao escutar de maneira literal a fala de uma criança de dois anos, inaugura uma preocupante chave de interpretação do que se passa com Vinícius: é violento como o pai, tem atitudes incompreensíveis e inadequadas, é doente como o tio.

As hipóteses levantadas pela mãe têm o intuito de dar sentido à agressividade do filho, como se, desvendando o real motivo e quem o transmitiu ao garoto, esses comportamentos cessariam.

Ao longo do “Momento 2”, que corresponde aos contatos iniciais que tive com ele, foi ficando claro que a estratégia clínica não estava no terreno das interpretações pela via do desvelamento. Não teríamos êxito em buscar um sentido oculto em sua “agressividade”, descoberta esta que levaria ao desmonte do suposto sintoma. Tal estratégia clínica incorreria em perda de tempo, já que estaria descolada da compreensão do momento estrutural de Vinícius.

É necessário que compreendamos o sentido de seu sofrimento patológico para então traçar a estratégia clínica mais adequada. Diante de um quadro preocupante como o do menino, em que

o desenvolvimento está em risco, se essa abordagem inicial não é feita com cautela corre-se o risco de perder um tempo que seria precioso para a constituição de seu psiquismo. Nas palavras da autora:

O que procuramos em um diagnóstico é, primeiramente, não saturar de sentido, com hipóteses absurdas que nos tranquilizam temporariamente mas que não servem de nada ao paciente e, ao mesmo tempo, organizar um pouco o campo sobre o qual interviremos. Por isso, as diferenças conceituais que estou propondo, como essa entre transtorno e sintoma, servem, na clínica, de guia metapsicológico. (Bleichmar, 2005, p. 172).

Organizemos o campo sobre o qual interviremos. Vinícius se apresenta em meio ao caos. Nesse primeiro momento predomina um estado de desmembramento e indiferenciação: as peças pequenas espalhadas de forma que perdessem o caráter de unidade, tudo escorrendo sem continência, aparentemente sem causar incômodo. Sem bordas, o campinho de futebol perde seu contorno e também sua identidade; resta uma tábua verde de madeira, sem gol, que não contém a bola em seu interior. O “jacaré do mal por causa da boca” parece contribuir na descrição desta primeira apresentação de Vinícius: seria esta uma boca que mastiga tudo e pica em pedaços cada vez menores e disformes?

Uma pergunta me acompanha desde o início do trabalho com o garoto: Vinícius é uma criança agressiva, que busca intencionalmente produzir estragos nos outros e no ambiente? Esse é o motivo pelo qual é levado para análise, mas à medida que o atendia ia construindo que sua razão de análise seria outra.

Tínhamos diante de nós um aparelho funcionando de forma precária, pela via da descarga, da compulsão, tentando de forma falha evacuar as excitações através da agitação motora. Um psiquismo submetido a uma excitação excessiva, que não encontra repouso. Sua agitação acabava por afastar seus pares e era lida pelos adultos como agressividade.

Como temos diante de nós um modo de funcionamento primordialmente na lógica do transtorno, a análise de Vinícius precisa ser na direção da constituição de um aparelho que instaure uma trama, o próprio aparelho, pela qual circularia a excitação, com intervenções simbolizantes que contribuam para a construção de um sujeito e criem os pré-requisitos para o seu funcionamento. Chegamos, enfim, à razão de análise.



### 3 REALIDADE EXTERNA E O APARELHO PSÍQUICO EM CONSTITUIÇÃO

#### 3.1 Modelo tradutivo do psiquismo, mensagens enigmáticas e metábole

*O desejo da mãe incide no campo da criança da mesma maneira que um raio de luz incide na água: ao incidir nesse meio novo, sofre uma refração e se modifica.*

A. M. S. de Rosenberg, *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*

Seguiremos com a pergunta sobre o impacto da realidade exterior no psiquismo. Neste item, trataremos de como haveria um processo de desqualificação e autoengendramento (Bleichmar, 2015d) entre a realidade exterior e o aparelho psíquico da criança, não havendo entre eles uma passagem direta e translúcida, tampouco uma ausência comunicativa de duas partes isoladas.

Antes de prosseguirmos, faremos uma parada na conhecida “Carta 52”, de 1896 (Freud, 1986), em que Freud se corresponde com Fliess e apresenta a proposta de um modelo tradutivo para o psiquismo. Tanto Laplanche quanto Bleichmar, em diversos momentos de suas obras, retornam a ela, colocando-a para trabalhar no sentido ao qual estamos nos dirigindo — a busca de traçar relações entre os elementos do exterior e sua entrada no psiquismo.

A essa altura de sua obra, Freud ainda não havia proposto a ideia de um aparelho psíquico clivado. Sobre sua proposta nesse momento, voltemo-nos às palavras do autor: “[...] estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo tenha se formado por um processo de estratificação” (Freud, 1986, p. 208). Freud diferencia o polo de entrada, o perceptivo, da memória. No polo perceptivo não há memória. Inicialmente, as percepções se originam no primeiro estrato neuronal, da periferia do corpo (*W*), e, apesar de ligado à consciência, não produz nenhum traço do acontecimento. A partir daí, o material sofrerá rearranjos, uma primeira inscrição (*Wz*), que serão os registros iniciais das percepções, chamados por Freud de indício da percepção, ou signos de percepção, como propõe Laplanche (1996, p. 33). Estes sofrerão posteriores transcrições e retranscrições, percorrendo os distintos estratos do psiquismo pelas vias neuronais (registros *Ub* — da inconsciência — e *Vb* — ligado às representações palavra, e aí sim conscientes). Cada

registro é considerado uma conquista psíquica, e a passagem de um para outro depende de uma nova tradução do material.

A cada nova passagem (transcrição), há uma nova lógica de ordenamento, sendo que a tradução predecessora é inibida e seu potencial excitatório esgotado. Freud sugere, então, que o recalque se refere a um entrave na tradução de um estrato a outro, pelo fato de que, caso fosse realizada, manteria em cena uma memória ligada a um grande desprazer, reativado a cada lembrança do acontecido.

Nessa articulação freudiana, quando houvesse a impossibilidade de tradução de parte do material psíquico, seria formado aquilo que o autor chamou de *fueros*,<sup>1</sup> parte do material que não pode ser inscrito no psiquismo e funciona com as leis do registro anterior, dando origem a certo anacronismo dentro do sistema. São marcas que não estão no campo da representação e têm um funcionamento que se aproxima da lógica da compulsão à repetição.

A título de compreensão, as camadas do psiquismo podem ser agrupadas nos signos de percepção por um lado, e, por outro, nos registros da inconsciência e da pré-consciência. São elas:

(1) as marcas não ligadas às representações, ou seja, que não sofreram processos de reordenamento, mantendo-se praticamente da mesma forma de quando foram constituídas e (2) os traços que sofreram retranscrições podendo advir à consciência desde que não despertem desprazer, já que fazem parte da cadeia de representações-palavra. (Antonello; Herzog, 2012).

Freud escreve: “se eu pudesse fornecer uma explicação completa das características psicológicas da percepção e dos três registros, teria descrito uma nova psicologia. Disponho de algum material para isso, mas esta não é minha intenção atual” (1986 [1896], p. 209). Colocaremos as ideias de Laplanche e Bleichmar para trabalhar a fim de prosseguirmos nessas explicações das características da percepção e dos três registros, assim como das passagens entre eles. Diferentemente de Freud, temos essa intenção, já que se trata de um modelo que se propõe a investigar as formas mais primitivas de contato entre o aparelho psíquico e o seu entorno. Para tanto, aproveitaremos os desdobramentos que Laplanche propõe a partir do modelo “tradutivo”

---

<sup>1</sup> “Tal como os *fueros* da lei espanhola, os quais recolhiam os costumes de cada localidade onde eram aplicados e mantinham-se, *stricto sensu*, fora da política feudal vigente, as marcas [psíquicas] mantêm-se fora dos sistemas de representações e das regras aplicadas a estas” (Antonello; Herzog, 2012, p. 116).

freudiano, assim nomeado por ele porque tem como central a hipótese de que a passagem de um registro a outro dentro do psiquismo depende de um trabalho de tradução.

Em *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (1988), Laplanche escreve que o enigma está nos signos de percepção, os quais estão ligados ao mesmo tempo à percepção e aos signos. Ele se questiona como a percepção pode fornecer a primeira inscrição no aparelho psíquico (os signos de percepção), pois se se tratasse apenas de percepção, esta poderia fornecer apenas traços do factual. Então, como esses traços se transformam em signos? Laplanche parece estar atento à passagem daquilo que estaria no exterior (o outro humano) para signos que se encontram no interior do aparelho.

Na nossa leitura, Laplanche usa a “Carta 52” para dar um salto na teoria: aquilo que Freud se perguntava sobre a percepção e que nos remete a qualquer estímulo externo inclusive inanimado, Laplanche limita à realidade de um outro humano. Isso traz uma consequência intrínseca: há sempre uma relação de intencionalidade que subjaz aos fenômenos perceptivos. Aprofundaremos esse ponto ao longo dos próximos parágrafos. Ainda na nossa leitura, entendemos que, àquilo que Freud nomeou como indício de percepção (*Wz*) Laplanche acrescenta um caráter de mensagem enigmática veiculada pelo outro adulto e inscrita no aparelho da criança como um signo de percepção, assimilado tal como se apresenta, anterior a qualquer tentativa de tradução.

No texto “La revolución copernicana inacabada” [A revolução copernicana inacabada], de *La prioridad del otro en psicoanálisis* [A prioridade do outro na psicanálise] (1996), Laplanche marca a centralidade do outro humano na estruturação do inconsciente da criança, centralidade esta responsável por algo de extrema importância para o autor: o estrangeirismo do inconsciente, “o inconsciente como um outro em mim, e além disso engendrado em mim por um outro” (p. 23, tradução nossa). Tal estrangeirismo, segundo o autor, é mantido pela teoria da sedução. Mais adiante veremos como se dá tal relação. Nas palavras de Laplanche:

Na minha opinião, é por ter deixado de perceber a situação originária de sedução, verdadeiro irreduzível além do qual não é necessário (nem possível) regredir no tempo, que Freud se envolve nesta corrida de regressão pré-histórica, uma corrida que seus sucessores embelezaram e enobreceram falando de dimensão mítica. (1988, p. 125).

A outra pessoa que garante o estrangeirismo inconsciente é a outra pessoa da sedução originária — sedução não relacionada ao pai perverso, mas à mãe pré-edípica, que veicula a

sedução nos cuidados corporais dispensados ao bebê, despertando sua erogividade. Não à toa as zonas erógenas são as zonas das primeiras trocas entre mãe e bebê relativas aos cuidados maternos (Laplanche, 1992).

Bleichmar, ao longo de sua obra, alerta que não se deve deixar de levar em conta que os progenitores são atravessados pela sexualidade infantil, sujeitos de inconsciente. Assim, quando a mãe cuida da higiene de um bebê, o faz a partir da inscrição que carrega em si do prazer anal. É partindo dela que pode limpar e gozar com o corpo do outro. De forma semelhante, quando amamenta, é remetida ao próprio prazer oral a partir da identificação com a experiência do bebê, mas não só. Há também nesse processo o prazer do órgão que é despertado na mãe, dado que o seio já está atravessado pelo prazer genital na relação com um outro adulto. Sobrepõem-se, então, a sexualidade infantil e a adulta. Esse alerta é feito pela psicanalista argentina frequentemente, dado o empobrecimento que seria restringir a compreensão desses processos entre dois corpos a compreensões egoicas e relativas ao narcisismo, sobre o qual já tratamos quando nos detivemos na dupla função materna.

Laplanche propõe que os adultos enviam mensagens provenientes de seu próprio inconsciente às crianças, ou seja, mensagens enigmáticas das quais eles próprios não têm conhecimento. Aquilo que chega à criança como uma primeira percepção, que é registrada como signo de percepção, são mensagens impregnadas de conteúdos sexuais, percebidas pela criança como enigmáticas, ou seja, mensagens que precisarão ser traduzidas. Entre a criança e as mensagens que recebe dos adultos, há um desequilíbrio constitutivo, já que do lado do adulto haverá sempre um excesso de saber inconsciente. Tal tradução imposta à criança sempre fracassa parcialmente, gerando os tais *fueros* propostos por Freud. Haverá sempre algo de intraduzível no interior de cada uma dessas mensagens.

Os processos nos quais o sujeito manifesta atividade são todos secundários em relação a um processo originário passivo, o da sedução, implantada pelo outro adulto, como diz Laplanche, na superfície, na derme psicofisiológica de um bebê que ainda não tem diferenciada a instância inconsciente. São esses os significantes (enigmáticos) recebidos e registrados pelo bebê que exigem as primeiras tentativas de tradução, as traduções originárias, que cairão no inconsciente como representação-coisa, já como uma primeira transcrição (Laplanche, 1988, p. 94). Bleichmar então escreve que haveria pelo menos dois estratos diferentes no inconsciente: “aquele que seria irreduzível a toda tradução, indiciático, não integrado, constituído por fragmentos de objetos, e esse

outro, mais estruturado, passível de ser fantasmaticizado, que operou uma tradução possível” (1994a, p. 56)

É também da psicanalista argentina a interpretação de que a palavra “sedução” carrega em si a concepção de um ato voluntário e consciente do adulto, assim como ligada à genitalidade, a partir da forma como essa ideia percorre os textos iniciais de Freud. Ela opta então pelo termo “pulsão materna”, em vez de sedução, com o intuito de colocar o acento no caráter inconsciente materno (2005, p. 148).

Para Laplanche, Freud não avança em uma questão fundamental. Tomando a amamentação e a cena primária, a crítica que faz é que Freud analisa de forma cindida a experiência do bebê e de seus pais, colocando separados e sem comunicação os mundos do adulto e da criança. Em relação à amamentação, o que fica de lado na teoria freudiana é que no ato de amamentar já há uma intencionalidade da mãe, “é o adulto que coloca em primeiro plano o seio — e não o leite —, e isso em função de seu próprio desejo consciente e, principalmente, inconsciente” (1996, p. 37, tradução nossa). O que falta na teoria freudiana, segundo ele, é o adulto propondo, de forma inconsciente, um signo antes de a criança fazer a extração. O mesmo se dá em relação à cena primária: entre o comportamento parental e o que é visto e interpretado pela criança, falta a suposição de um “dar-a-ver” da parte dos pais, de algo (uma mensagem) que dirigem à criança.

Portanto, o que faltaria em Freud está relacionado à ideia de uma mensagem que está sendo destinada com intenção de comunicar. O que ocorre, no entanto, é que não há entre o mundo das crianças e adultos um sistema comum de interpretação. Como as mensagens são desconhecidas tanto para mãe quanto para a criança que as recebe, precisarão ser codificadas por esta, e não decodificadas, já que não há um código compartilhado que necessariamente precisaria existir para ocorrer um processo de decodificação.

Laplanche recorre ao texto de Ferenczi “Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão” (1992 [1933]) para trabalhar essa ideia de mensagem enigmática. Apesar de Ferenczi não ter tido contato com a correspondência entre Freud e Fliess, quando elabora a ideia de confusão de línguas propõe uma noção que se aproxima da proposta freudiana na “Carta 52”. Segundo Laplanche, curiosamente essa noção parece completar a proposta de Freud, ao sugerir como origem da necessidade de tradução a diferença entre duas línguas. Já falamos sobre isso no item 2.1, sobre o cenário originário da confrontação da criança e do mundo adulto. Laplanche então traça o seguinte questionamento: Ferenczi ignora um ponto que lhe parece

fundamental — qual seja, deixa de lado a sexualidade infantil do adulto quando lhe atribui a linguagem da paixão. Esse seria o passo de maior importância nessa teorização, ainda na perspectiva de Laplanche.

Bleichmar (2005) acompanha Laplanche nesse questionamento acerca do que Ferenczi deixa de lado em seu trabalho:

[...] o que resta [no trabalho de Ferenczi], o não trabalhado, é o modo pelo qual isso se inscreve, de maneira concreta, entre o adulto — a quem chamamos mãe em virtude de uma generalização estatística — e a criança, e que consequências traz para a clínica. Se não se dá esse passo, isso fica como um enunciado geral, e termina anulando em sua generalidade a fecundidade do que pode inaugurar. (p. 93).

Não se trata de uma confusão de línguas, como dizia Ferenczi, mas de uma “inadequação das linguagens, inadequação da criança ao adulto, mas também e primordialmente, uma inadequação do adulto ao objeto-fonte que age nele mesmo” (Laplanche, 1988, p. 139). Ou seja, Ferenczi não avança no sentido de colocar como central o fato de que tais mensagens carregam em si o inconsciente parental.

E o que faz de tais mensagens enigmáticas?

Bleichmar (2005) escreve sobre a opacidade dos cuidados maternos e das mensagens veiculadas (p. 137). O enigmático não se relaciona a alguma característica polissêmica da mensagem, tal como equivocadamente poderia ser compreendido, mas sim, como escreve a autora, ao seu sentido indireto. As relações entre um adulto e uma criança, mais especificamente as parentais, são relações nas quais há “alta voltagem libidinal circulando”. Isso porque, além de serem relações com alto investimento afetivo, têm como aspecto central a assimetria, o que potencializa o enigma, o sentido indireto.

Tais sentidos indiretos vão desde muito cedo se articulando como supostos, os quais, por vezes, a análise precisa desligar. A autora apresenta o seguinte exemplo: quando a mãe diz “come que vai esfriar”, a criança pode ligar a esse enunciado um suposto cuidado materno dirigido a ela. Mas se o enunciado for o mesmo e a mãe lhe ofereceu uma sopa fervendo, a criança poderia muito bem interpretar de forma paranoica que a mãe está querendo que ela queime a garganta.

Laplanche propõe haver uma “desqualificação”, uma “decomposição” das mensagens recebidas do inconsciente parental, e então afirma que a mensagem desqualificada não veicula nada além de energia. Qualquer significado associado à mensagem está naturalmente perdido.

Sobre a transmissão das mensagens enigmáticas, Bleichmar (2005) qualifica o olhar como “um elemento dominante na transmissão de mensagens enigmáticas, já que obriga a uma interpretação sem código explícito compartilhado” (p. 83). A autora aqui nos remete a outro caso atendido por uma colega sua. Tratava-se de uma jovem rígida nos diversos âmbitos de sua vida, com uma estruturação anal obsessiva. Ao longo da análise, surgiu à memória uma cena cotidiana: durante a infância, sempre que ela ia ao banheiro, a mãe não só analisava suas fezes como a observava no ato de defecação. Foi só na vida adulta que essa jovem teve acesso à história, acontecida antes de seu nascimento, de um irmão que havia falecido em decorrência de uma obstrução intestinal. Até aquele momento, no entanto, o olhar de interesse da mãe dirigido às suas fezes se ligou de forma indireta à sua história apenas pela representação no inconsciente parental, o que tinha efeitos para a criança e agia em seu psiquismo, convocando-a a teorizar livremente a respeito de tal olhar materno.

Sobre esse caso, Bleichmar afirma que suas impressões sobre o funcionamento psíquico dos pais são meras conjecturas, uma vez que não eram eles os analisados, como num exercício cujo objetivo é sublinhar a ideia de que o posicionamento dos pais perante o desejo da criança está determinado pelos seus próprios desejos inscritos. Uma das conjecturas que propõe é que o recalco materno — sua tendência anal-voyeurista — pega carona nas preocupações referentes à sobrevivência da filha, tendo uma justificativa do lado do ego para se satisfazer. Seria uma situação em que se estabelece certa direção comum entre inconsciente e ego, em nome de uma preocupação autoconservativa.

Já para a jovem, nas palavras de Bleichmar:

[...] o que tinha ficado era um olhar libidinizado sobre as fezes, totalmente desprendido do acontecimento de partida, que ao ficar separado, inmetabolizável e exposto à fantasmática singular, produziu nela um prazer intenso que retornava como prazer *insitu* acompanhado, simultaneamente, por hábitos de limpeza e ordenamento compulsivo da vida na sua totalidade. (2005, p. 84).

Sigamos mais um pouco acompanhados por Laplanche. Como proposto por ele, podemos pensar que há formas de implantação do outro na criança que permitem que ela se aproprie das mensagens enigmáticas dirigidas a ela em uma tentativa de tradução. Há ainda outras formas de implantação, as quais Laplanche nomeia como intromissão, que dificultam e impedem que se desenvolva tal recaptura ativa da criança e metabolização.

No capítulo “Implantación, intromisión” [Implantação, intromissão], de *La prioridad del otro en psicoanálisis* (1996), Laplanche retoma a centralidade do outro no tempo originário e aborda tal questão. Ele escreve:

Propomos dar todo o lugar, em metapsicologia, a processos irreduzíveis a um autocentrismo (quer dizer, a toda tentativa de retorno da velha filosofia do sujeito de caráter aristarquiano, que escotomiza o fato de que todo processo psíquico vem, originalmente, do outro); aquele no qual o sujeito é, simplesmente, o outro. Não o Outro metafísico, ou eu não sei que “pequeno outro”. O outro da sedução originária, e em primeiro lugar o outro adulto. No centro desses processos, aquele da implantação. Por isso designo o fato de que os significantes aportados pelo adulto ficam fixados, como que na superfície, da derme psicofisiológica de um sujeito no qual uma instância inconsciente ainda não foi diferenciada. É sobre estes significantes, recebidos passivamente, que se operam as primeiras tentativas ativas de tradução, cujos restos são o recalcado originário (objetos-fonte). [...] A implantação é um processo comum, quotidiano, normal ou neurótico. Ao lado deste, como sua variante violenta, há que se outorgar um lugar à intromissão. Enquanto a implantação permite ao indivíduo uma recaptura ativa, com sua dupla cara tradutivo-recalcante, há que se tentar conceber um processo que obstaculiza esta recaptura, que gera um curto-circuito das diferenciações das instâncias em vias de formação, e põe no interior um elemento rebelde a toda metábole. (Laplanche, 1996, *apud* Bleichmar 1994a, p. 55).

Todos esses processos — os processos patológicos que obstaculizam a metabolização ativa da criança e também os que possibilitam tal metabolização — encontram seu modelo em processos corporais bem conhecidos: a intromissão está em uma relação principal com a analidade e a oralidade, e a implantação se refere a toda a superfície do corpo em seu conjunto, a periferia perceptiva.

Vamos ao Caso Rafaela, atendido por mim, em que a recaptura da criança é obstaculizada. Rafaela, três anos, é levada à análise pela mãe porque “não come”. Numa primeira conversa, a mãe descreve uma filha extremamente silenciosa. Queixando-se do pouco investimento do pai, ela relata que o marido passa o dia em casa com a filha “embaixo do braço” enquanto trabalha. Rafaela, segundo a mãe pouco estimulada, portanto apática e tímida, fica no mesmo lugar onde é colocada, em uma paralisia silenciosa, se for o caso por horas a fio. Sob o braço do pai, ou então deitada, pensativa, quietinha. Suspirando, estática.

São poucas as comidas que interessam a Rafaela no dia a dia, o que causa grandes transtornos na família. Os momentos de alimentar a filha são de muita frustração: a mãe se sente insegura, pede orientações para o que há de mais simples, como fazer uma vitamina. Atendendo a

recomendações do pediatra, promove momentos de refeição em família, idas ao mercado com a filha, mas sempre com bastante incômodo e desconforto para mãe, pai e criança.

Rafaela mamou por alguns dias, mas depois o leite secou. A mãe então entrou em uma depressão severa, o que já havia acontecido algumas vezes ao longo de sua vida. Descobriu um câncer de mama quando a filha tinha dois anos, do qual foi operada. Durante o mês de sua recuperação, hospedou-se na casa de um familiar, já que entendeu que não podia correr o risco de qualquer contato físico com a filha que viesse a machucar seu peito.

Alguns meses após o início dos atendimentos, numa chegada conturbada ao consultório, Rafaela é levada para minha sala pelo pai, grande, forte e um tanto bruto. A menina esperneia, não quer se despedir do pai, gruda em seu colo. Ele a coloca para dentro da sala de atendimento de forma truculenta e puxa a porta com força para fechá-la atrás de si, num movimento brusco que acaba por arrancar a maçaneta. Quando a garotinha se acalma, já comigo em sessão, passa cerca de vinte minutos calada, inerte, suspirando profundamente. Em silêncio, ela vai algumas vezes até o armário de brinquedos e retorna hesitante para perto de mim. Por fim, começa uma brincadeira em que o tiranossauro rex gigante vai comer o telhado da casa de lego que havíamos construído, a morada do Batman, seu personagem favorito. Das mordidas no telhado, passa para mordidas em uma folha de papel. O dinossauro morde, a folha vai sendo picotada até se transformar em inúmeros pedacinhos.

Nas sessões, Rafaela brinca que as coisas que estão perto demais não podem ser comidas. Ela desenha um dinossauro enorme com comida marrom na barriga. A pedido dela, faço um dinossauro com um círculo enorme perto da boca. Ela então diz que meu dinossauro não comeu porque a comida estava muito perto dele, e me pede para desenhar outro círculo, igualmente grande mas bem longe do dinossauro, para aí sim ele poder comer.

Na sessão seguinte, Rafaela tenta fazer com que um dinossauro (de boca aberta) comesse uma bexiga cheia extremamente grande. Mesmo percebendo que ela não passava pela boca, Rafaela insiste e tem a ideia de prender a bexiga na boca do dinossauro com uma fita-crepe. Meses depois, a garota pede minha ajuda para tirar a fita da bexiga e fica tentando diminuir o tamanho dela para caber na boca do dinossauro. Dá chifradas, rabadas... insiste em deixar a bexiga menor apertando-a, tenta furá-la, mas não consegue. Ofereço a tesoura, e então ela consegue esvaziá-la. Comemora muito, dançando, orgulhosa de si. E aí vai pedindo minha ajuda para picar a bexiga em infinitos pedacinhos. Vai dizendo “mais”, certa, com muita força, rindo muito.

Trouxemos esse recorte para ilustrar um processo de intromissão que está se dando de forma patológica, dificultando ou até não permitindo a recaptura ativa daquilo que está sendo dirigido a Rafaela. A garota sofre passivamente intromissões, excessos que seu aparelho incipiente é incapaz de metabolizar, e acaba vivendo um apassivamento: não come, não reclama, não se mexe.

O desmame precoce e a ausência repentina da mãe no seu segundo ano de vida, bem como seu severo estado depressivo, além dos rompantes agressivos do pai, parecem impossíveis de serem apreendidos, interpretados, traduzidos. Essa impossibilidade não é absoluta; é necessário que tomemos o cuidado de não a confundir com os eventos reais. São as brincadeiras que, depois de muito silêncio, vão surgindo em análise que têm a importante função de comunicar aquilo que se passa em seu aparelho: tudo o que entra é grande demais, os pedaços de realidade são enormes em relação ao tamanho da sua boca e de sua capacidade de mastigação e de digestão. Nosso trabalho tenta viabilizar um movimento inicial de ligação e simbolização, “cortando a realidade em pedaços menores”, na aposta de que posteriormente tais pedaços poderão ser usados de forma ativa e criativa pela garota em um processo próprio de criação e gênese.

Bleichmar (2005) nomeia de “termos de partida” o inconsciente parental, e a esse respeito escreve: “Trabalharemos a partir de um modelo que postula que entre a estrutura edípica de partida e os modos da constituição subjetiva há transformação e metábole, isto é, há criação e gênese” (p. 55).

Essa gênese não pode ser compreendida endogenamente, só pode ser pensada *a posteriori*, já que é constituída por um movimento entre os termos de partida e a apropriação metabólica feita pelo psiquismo infantil. E o que é determinante nesses movimentos? Os traumatismos constitutivos que operam como materialidade de base e serão transformados pelo psiquismo infantil. Quando a apropriação metabólica não é possível, estamos diante de falhas no processo de estruturação. Para Bleichmar, os traumatismos são definidos numa relação com a possibilidade metabólica do psiquismo infantil, de forma que deve-se cuidar para não os confundir com as histórias reais.

As marcas não metabolizáveis que ficam vagando soltas (impossibilitadas de ser descarregadas e também de se ligar ao tecido simbólico) precisam de ajuda justamente nessa construção de pontes de articulação. No item 3.2 apresentaremos as simbolizações de transição (Bleichmar, 2015d), proposta de Bleichmar a respeito da captura dessas marcas que vagam soltas pelo psiquismo como restos do real.

São esses os signos de percepção, marcas dos vínculos primários com os objetos que nunca se tornaram representação, estando em um estado de não transcrição, de difícil metabolização, como já vimos. O primeiro trabalho a ser feito, então, é o de facilitar uma primeira transcrição em representação, só assim essas marcas terão condições de estabelecer relações entre outros elementos do retículo simbólico e circular de maneira menos patológica. As brincadeiras na análise de Rafaela ocupam essa importante função, assim como as brincadeiras de guerra de Vinícius.

Os endereçamentos feitos a Vinícius por suas figuras iniciais de cuidado são violentos na medida em que não são passíveis de metabolização. Eles chegam com uma carga de estrangeiridade excessiva, já que estão mais referidos àquilo que foi vivido por outros (pai, tios, “os delinquentes” etc.) do que àquilo que poderia ser percebido na própria relação com Vinícius. O menino é visto e invadido pela ótica policalesca que não deixa margem para apropriações criativas daquilo que lhe é dirigido. As intromissões não metabolizáveis de um outro deixam o sujeito exposto à loucura.

Uma forma inicial de tradução que Vinícius vai encontrando em análise são as brincadeiras de guerra, que podem ser lidas como tentativas, através do brincar compartilhado, de metabolização daquilo que provém do outro, uma saída mais interessante e complexa, menos patológica e mais criativa do que as compulsões à repetição. A agitação advinda da necessidade de descarga constante vai podendo ser transformada em tecido simbólico.

Podemos ler as brincadeiras de Vinícius como uma busca de sentido para as inscrições que recebera passivamente, agora no sentido de uma codificação de significantes enigmáticos. Não é possível rastrear quais inscrições são essas, nem concluir algo sobre o funcionamento psíquico dos pais, já que não eram eles que estavam sendo analisados. Mas podemos hipotetizar que a necessidade da mãe de dar suporte à sua família de origem desde muito cedo de alguma forma se inscreve no psiquismo do garoto, assim como os constantes embates familiares presenciados por ele.

Os “pequenos que carregam muita coisa” atravessaram gerações na família de Vinícius, que parece viver em um *continuum* temporal que não permite que a passagem do tempo deixe marcas. Valéria é mãe de seus irmãos, Vinícius é visto a partir do diagnóstico do tio e confundido com o funcionamento do pai.

Nas brincadeiras em análise, Vinícius começa a encenar situações que são de mentira (como representações), mas também de verdade (restos do real vivido por ele). Ali, pode dar um novo destino aos bebês e aos mais frágeis, poupando-os da guerra e protegendo-os de tanta violência.

Eles são cuidados, e só saem do esconderijo quando a guerra acaba. O menino cria, assim, uma diferenciação entre aqueles que guerreiam e aqueles que precisam ser protegidos, algo que remete ao mundo dos adultos em oposição ao mundo das crianças. Vinícius parece querer começar a construir alguma história sobre suas origens, já que conta ele mesmo com um espaço protegido em análise que oferece sustentação para essas histórias possíveis.

### **3.2 Aparelho psíquico constituído a partir de inscrições provenientes do exterior, sobre tempos reais**

O que há antes do recalçamento originário, antes da instauração do aparelho psíquico?

Bleichmar se faz esta pergunta no início do capítulo “Mito ou história nas origens do aparelho psíquico”, de *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Ao longo do livro, segue perguntando-se:

desde que perspectiva devem ser considerados os estados anteriores a tal recalçamento? São momentos genéticos? [...] São apenas tempos míticos? [...] Ou são — tal e como pretendemos demonstrar desde uma perspectiva histórico-estrutural — verdadeiros momentos de organização do psiquismo que vão permitir a localização dos elementos constitutivos em função de determinantes constituintes [...]? (1993, p. 58).

Ao longo de sua obra, a autora frequentemente escreve sobre o psiquismo sendo fundado sobre os tempos reais, histórico-vivenciais, não míticos. Diz de tempos iniciais ancorados na história da pessoa e nos encontros e vivências que teve sobretudo nos primeiros tempos da infância.

A proposta de Bleichmar é um inconsciente residual e histórico. No texto “Estatuto do histórico em psicanálise” (Bleichmar, 2015c), circunscreve o que entende por isso. Ela sugere que o histórico, para a psicanálise, não corresponde a uma história no sentido de uma novela familiar, sequencial e temporal, e aponta para uma temporalidade do inconsciente aleatória, não genética, destinada ao *après-coup*, não submetida a uma linearidade em que apenas o passado produziria efeitos no tempo presente (Bleichmar, 2015c). Os tempos reais poderão ser historizados em um tempo posterior, o que ajudará a constituir a identidade do sujeito.

A análise visaria justamente desconstruir esses enredos e sentidos que foram soldados em enunciados fixados, dando origem aos sintomas, e não construir uma história totalizante para o

sujeito. O Caso Vinícius é marcado pela forte presença de tais sentidos soldados, que fixam o garoto na imagem de um delinquente com futuro trágico certo.

A partir dessas desconstruções, seria possível dar lugar aos elementos que vagam soltos, à deriva, pelo psiquismo: os signos de percepção. A “desconstrução daqueles elementos que foram soldados nas autoelaborações espontâneas que davam origem aos sintomas” (Bleichmar, 2015c, p. 63) pode permitir a religação desses elementos, que até então tinham sua entrada impedida no aparelho. Para Bleichmar, o processo de cura de uma análise pode ser concebido como tal processo de ressimbolização.

Moraes (2019) sublinha a importância da materialidade na obra de Bleichmar. Ele sugere que o aparelho psíquico bleichmariano é organizado com a centralidade da concretude, da tridimensionalidade. Trata-se de um tempo real que se transforma em arquitetura psíquica. Sobre a materialidade na arquitetura do modelo de aparelho psíquico de Bleichmar, a autora escreve:

A materialidade na obra da autora está na realidade externa e na realidade psíquica, na arquitetura psíquica organizada com o recalque originário, na concretude dos fatos históricos ou nos elementos que vagam soltos pelo psiquismo. Dessa maneira, a ideia de materialidade na obra da autora aparece em muitas situações com um caráter tridimensional, no sentido de algo *quase tocável*, ainda que seja um fato psíquico. (Moraes, 2019, p. 17).

Moraes (2019) se propõe a descrever como a materialidade se apresenta na teoria bleichmariana, principalmente a partir do capítulo “Simbolizações de transição: uma clínica aberta ao real” (2015d). A autora aponta como nesse texto o real tem um duplo trânsito: é abordado tanto como realidade psíquica quanto como realidade externa, ambas marcadas pela materialidade.

Nesse artigo, Silvia Bleichmar descreve a realidade psíquica como pensamento sem sujeito, pensado por ninguém, antes mesmo de o aparelho estar constituído, portanto antes de haver um sujeito reflexivo que se opõe ao objeto — uma realidade pré-subjetiva. Ela critica aqueles que concebem o inconsciente como portador de uma intencionalidade encoberta e defende que o inconsciente atenta constantemente contra a autopreservação, pois há nele ausência de forças ligadoras capazes de preservá-lo do risco de morte. Assim como a realidade psíquica não é regida pelo funcionamento lógico, a categoria temporal não a atravessa.

Dessa forma, a realidade psíquica não é histórica, apesar de atravessada por marcas que se produzem no tempo. A historização se dará do lado do Eu, *a posteriori*, quando houver um aparelho já constituído em tópicos psíquicas. Enquanto isso não acontece, o tempo e espaço estão do lado

do outro humano, daí a importância de o adulto das origens ter o sistema pré-consciente/consciente minimamente estruturado. Nos enunciados que são dirigidos à cria humana e nos cuidados que são despendidos a ela é transmitida a organização da temporalidade e da espacialidade, em um momento anterior à constituição do sujeito.

Ainda sobre a realidade psíquica, Bleichmar a concebe como efeito da realidade exterior, da ordem da sexualidade humana, mas que perde toda essa referência do exterior. Como já vimos, a cria humana é impelida a processar elementos para os quais não está geneticamente preparada, pois excedem o campo biológico. É esse excesso, proveniente da sexualidade e infiltrado nos cuidados precoces, que dá origem à representação (Bleichmar, 2015d, p. 48). A realidade psíquica, portanto, é efeito de um processo que provém do outro, ponto fundamental para se compreender o realismo e materialidade do inconsciente.

Ainda sobre o texto “Simbolizações de transição: uma clínica aberta ao real”, Moraes observa:

Interessante notar que realidade psíquica aparece nesse texto quase como sinônimo de inconsciente em oposição a sujeito, que estaria mais do lado do ego ou das instâncias pré-consciente/consciente. O inconsciente recalcado se apresenta com a espacialidade de uma tópica. Mais que isso, o inconsciente (e aqui não apenas o recalcado) é formado por resíduos das vivências de satisfação e traumáticas, em seu caráter excessivo. Algumas dessas vivências passarão por algum tipo de transcrição e podem se organizar como recalcado, outras permanecem sem transcrição no psiquismo, como ímãs libidinais que circulam no psiquismo sem tópica específica, sejam oriundas dos primeiros tempos de vida ou de situações traumáticas a qualquer momento da vida do sujeito (Moraes, 2019, p. 21).

Organizemos nosso caminho. Falamos brevemente sobre a materialidade com relação à realidade psíquica. Agora, faremos algumas observações sobre a materialidade com relação à realidade externa ao aparelho psíquico. Recorreremos a uma citação de Bleichmar que nos ajudará nessa organização:

o inconsciente deve ser considerado como da ordem do interno-externo: externo ao Eu — interno ao aparelho psíquico — externo ao sujeito que pretende colocar-se em seu centro. O corpo, do qual não há fuga possível, é exterior ao aparelho, mas intrinsecamente soldado a ele, de modo que o caracterizamos como da ordem do externo-interno. A realidade exterior é da ordem do externo-exterior e, como tal, o que nos compete é ver os modos pelos quais seu impacto se faz presente no psiquismo e quais são os modos com os quais opera. (Bleichmar, 2015d, p. 50).

Vamos agora rapidamente nos voltar à materialidade da realidade exterior. São duas partes privilegiadas de tal realidade: o corpo e o outro humano. Ambos produzem constantes estímulos no aparelho, provocando seu desequilíbrio e obrigando um trabalho de ligação e evacuação. Por isso, Bleichmar atribui à realidade externa a característica de incidir no aparelho psíquico, mas também de constituir-lo. A realidade externa move o aparelho, dando origem ao campo representacional, e no sentido de seu crescimento psíquico, já que movimenta o psiquismo no sentido de um trabalho constante (Bleichmar 2015d, p. 51).

Sua materialidade não está em algo da ordem de uma substância, mas no fato de sua existência se dar sem que seja de conhecimento do sujeito psíquico. Bleichmar usa como exemplo a radiação antes de seu descobrimento, que estava lá mesmo que não fosse percebida, e também o inconsciente, cujos efeitos antecedem as teorizações freudianas.

Quando estamos diante de um sujeito psíquico constituído, a realidade exterior opera de duas formas: uma parte é capturável pela linguagem; pode passar por sucessivas traduções; é simbolizável, metabolizável, portanto constituinte do sistema representacional. Essa parte ao mesmo tempo provoca curtos-circuitos constantes no aparelho, exigindo processos de criação e recomposição. Há uma segunda parte que não é capturável pela linguagem, exercendo então “impacto traumático na borda do significado”, já que não está articulada a nenhum dos dois sistemas psíquicos. Tais elementos não passíveis de metabolização são os signos de percepção. No texto “Simbolizações de transição: uma clínica aberta ao real”, Bleichmar os caracteriza como

fragmento do objeto real, metonímico do objeto real, inscrito por desprendimento, provido de força de investimento a partir de seu caráter excitatório, mas que perdeu toda referência ao real externo [...]. Existe somente como realidade psíquica por ter sido incluído em uma realidade outra que a realidade exterior de proveniência. É este elemento investido, circulante, o que pode tornar-se indício. (Bleichmar, 2015d, p. 45).

Voltemo-nos então à materialidade dos signos de percepção. Eles remetem à materialidade das vivências, mas não guardam nenhuma relação que permita o rastreio e a dedução da exata realidade exterior de proveniência. Os signos de percepção, que não passam por processo de transcrição — ou seja, não adentram o simbólico, são alheios ao sujeito e ficam tal como crianças que morrem antes do batismo, vagando soltas pelo limbo (Bleichmar, 1994a) —, compõem um estrato do inconsciente que Bleichmar nomeia como o arcaico, estrato que opera como fragmentos

da realidade psíquica, aderido ao vivenciado e irreduzível a qualquer tradução. Eles não alcançam um estatuto no entramado originário do inconsciente, aquele constituído *a posteriori* pelo recalque originário e onde opera uma tradução possível. No item 3.1 nos detivemos nesses elementos, os signos de percepção, produtos de experiências traumáticas não metabolizáveis. Agora, interessamos a ideia de que tais signos possuem a materialidade do indiciário.

Bleichmar se apoia na obra de Charles Sanders Peirce, filósofo norte-americano, para qualificar o caráter de indício dos signos de percepção. Segundo Peirce, o indício denuncia a presença do objeto — a partir de marcas, restos, rastros, sinais — estando em uma relação metonímica com ele. Assim, não se trata de uma relação passível de interpretação, já que não há uma representação metafórica do objeto. Para ilustrar esse tipo de relação, Bleichmar diz do bebê que, ao chupar o dedo, não está buscando o peito da mãe, mas sim os restos do corpo primordial que reencontra nesse dedo (Bleichmar, 2015d, p. 35).

A partir de sinais manifestos que marcam a presença do acontecido, pode-se criar hipóteses acerca do objeto, uma vez que não é possível conhecer o todo de partida. Dessa forma, podemos pensar nos signos de percepção como indícios: são detalhes de uma cena, fragmentos do real vivenciado que já não têm mais nenhuma relação com o acontecido. Será nesses restos que encontraremos a materialidade dos signos de percepção.

Do lado do sujeito, há o ato. Como já vimos, muitas vezes o ato compulsivo, presença do acontecido. No ato não há indício, tampouco linguagem. Será na interpretação de um outro que tal ato será capturado como indício.

Na análise, faz-se necessário um esforço para dar a esses restos do vivenciado uma nova dimensão, uma articulação possível, o que Bleichmar chama de tecido simbólico capaz de tecer o desgarrado. Ela apresenta, então, a ideia de simbolizações de transição, que buscam oferecer um nexos para os fragmentos do real não apreensíveis pela livre associação, visando sua captura pelo sistema de representações. As simbolizações operariam como “autotransplantes psíquicos, ou seja, pela implantação de contextos que foram relatados ou conhecidos no interior do processo de cura, mas que não foram, ainda, relacionados com o elemento emergente” (Bleichmar, 2015d, p. 40).

Para ilustrar sua proposta de simbolizações de transição, Bleichmar (1994b) retoma o caso de uma moça com traumas decorrentes da guerra que vivenciara. Uma de suas manifestações era não suportar homens que falavam alto, o que a autora supõe estar em ligação com os alemães que falavam alto durante a guerra. A paciente não tinha essa articulação feita para si, e não conseguia

avançar em associações a esse respeito, quando demandada pela analista. A intervenção então proposta por Bleichmar é emprestar para a paciente um nexos para aquilo que a analista hipotetizou ser um fragmento do real fora do sistema de representações. Quando Bleichmar faz essa ponte, perguntando à paciente quem é que falava alto durante a ocupação alemã, começa a aparecer na análise o horror que unia a voz do invasor que penetrava sua cabeça e a angústia da violação sexual. Bleichmar teoriza sugerindo que tais elementos impensáveis estariam em um estado de não transcrição. O analista oferece, para esses elementos, uma simbolização de transição que opera como autotransplantes psíquicos, remendando o tecido psíquico esburacado.

### 3.3 Neogênese e aparelho psíquico aberto ao real

O aparelho psíquico que Bleichmar propõe está sempre aberto ao real — ou seja, aberto, ao longo da vida, à inscrição de novos elementos que se combinam com os já existentes. Essa é a neogênese, outro instigante conceito da autora, que traz para a cena sempre a possibilidade de surgimento de algo novo, um aparelho aberto a novas recomposições. Tanto os efeitos de uma análise quanto aqueles que resultam de outros acontecimentos ao longo da vida de alguém podem resultar em novas recomposições da estruturação psíquica.

A psicanalista nomeia como neogênese o processo de recuperar, dentro da análise, tempos falhos da constituição de um paciente. Assim, a análise é o lugar de produção simbólica, um espaço privilegiado de ressimbolização e de produção de algo que não existia previamente. Junto de Laplanche, Bleichmar acredita no surgimento de uma energia sexual nova, e propõe, então, um novo começo, a possibilidade de que na análise ocorram processos próximos aos que supomos que ocorrem na infância. Nas palavras da autora,

quando fazemos uma intervenção em momentos estruturantes do funcionamento psíquico — o que eu chamo de intervenções analíticas —, para produzir, por exemplo, numa análise de crianças, uma passagem da relação binária para uma relação terciária, inauguramos um processo de neogênese: algo, que não estava pré-formado nem instalado por si mesmo, será produzido em função da intervenção analítica. Sobre as representações desarticuladas, fraturadas e falhas, um novo tecido psíquico permitiu uma composição menos patológica. (Bleichmar, 2005, p. 40).

Em um breve retorno para o Caso Vinícius, cabe aqui um comentário acerca da importância das vivências que o garoto tem para além da análise, tal como na escola e no CCA, como espaços potencialmente estruturantes e de produção simbólica.

Os contatos que estabeleço com os profissionais responsáveis por ele no período escolar e no contraturno têm como objetivo central cavar espaço nas leituras já tão engessadas sobre Vinícius. São inúmeras tentativas de inaugurarmos juntos uma via de compreensão que não tome seus movimentos destrutivos imediatamente como da ordem da violência a ser evitada e punida como o que seria o todo de Vinícius. Insisto na pergunta “o que mais podemos falar sobre Vinícius?” depois de escutar relatos infundáveis de seus delitos na escola. São tentativas de que o garoto crie vínculos que permitam alguma apropriação criativa daquilo que é endereçado a ele. Dito de outra forma, tentativas de inaugurar endereçamentos ao garoto passíveis de metabolização. Nesse sentido, a professora da outra turma com quem ele tinha boa relação e também os educadores do CCA eram figuras promissoras para essa construção.

A aposta de que seria possível mudar os rumos da estruturação de Vinícius, pensando na construção de um tecido simbólico que fundaria a estrutura de seu psiquismo, pode ser vista nas intervenções feitas com ele dentro do *setting* analítico, como em nossa brincadeira de esconde-esconde ou quando nomeio a dor que suponho que tenha sentido nas quedas todas que sofre. Há também, mais adiante no tratamento, o momento em que brincamos com os carrinhos pequenos que carregam muita carga. São movimentos que se pretendem estruturantes, no sentido de um empréstimo de algumas articulações da analista na tentativa de que comecem a se estruturar vias de ligação entre elementos, em um tecido simbólico.

Talvez por esse motivo, Bleichmar se refere ao analista como um artesão:

Winnicott é levado a considerar que no trabalho analítico, depois de um certo período no qual se exerceu um certo trabalho, “o verdadeiro self emerge sob o pseudo self”. Em nossa opinião, é o próprio analista quem produziu o verdadeiro self que acredita existente *a priori*; seu trabalho, mediante intervenções ligadoras, de recomposição dos sistemas representacionais, possibilitou que isso ocorresse. A modéstia de Winnicott une-se com seu vitalismo: “tudo estava ali desde a criação”. Nosso ateísmo irreduzível leva-nos a propor: o psicanalista artesão criou, com os materiais existentes, algo diferente daquilo que encontrou inicialmente. (Bleichmar, 1994a, p. 202).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde muito cedo, foram sendo atribuídos diversos sentidos aos comportamentos de Vinícius, em busca de um diagnóstico que compreendesse sua organização psíquica. Retomemos: seus rompantes de agressividade estariam diretamente atrelados a um pai violento? Teria autismo como o tio? Transtorno opositor? Tornar-se-ia um delinquente que morre em confronto com a polícia? Ou então bandido (que já conta, aos cinco anos, com uma lista de delitos no “livro de ocorrências” da escola)?

Todas essas hipóteses, atribuições e profecias iniciais têm em comum a ausência de um olhar dirigido a Vinícius a partir das relações que ele próprio estabelece. São visões distanciadas, inabaláveis, que chegam de fora ao garoto, na forma não só de uma invasão pulsional enigmática, mas de uma intromissão. Sabemos que tais diagnósticos imprimidos dessa forma em crianças que estão em processo de constituição comprometem seu futuro de forma muito limitadora.<sup>1</sup>

Nesse caso, estamos em um momento em que ainda é possível mudar o curso da estruturação. Mas não se pode levar adiante esse trabalho sem o apoio da família, da escola, do ambiente dessa criança como um todo. Mais uma vez, faz-se necessário sublinhar que os cuidados com uma criança nunca poderão ser feitos por uma só pessoa. Além da mãe, que exerce diversas funções, no presente texto tratamos por “mãe” as demais pessoas necessárias ao cuidado e à constituição contínua de uma criança. O bebê que chega ao mundo precisa contar com uma rede de cuidados e olhares dirigidos a ele, os quais permitem a sustentação de sua existência.

Num sentido contrário, o nascimento de Vinícius ficou acompanhado simbolicamente por vários desligamentos (inclusive a separação dos pais), e não pela reunião em torno deste que chegava. Além disso, tanto a escola que o garoto frequenta quanto seu pai e seu padrasto demonstram não estar abertos a um trabalho que aposta no amadurecimento de Vinícius. Para eles, impera a certeza de uma criança impossível; Vinícius é desenganado. Apesar da disponibilidade da mãe, ela não tem lastro psíquico nem uma rede de apoio que lhe permitiriam levar adiante a sustentação desse trabalho de forma consistente.

Podemos falar de um duplo fracasso na fundação do aparelho psíquico de Vinícius. O primeiro é aquele ao redor do recalque originário: a formação de um entramado de base é precária,

---

<sup>1</sup> ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. Teachers' Expectancies: Determinates of Pupils' IQ Gains. **Psychological Reports**, v. 19, n. 1, pp. 115-118, 1966. DOI: 10.2466/pr0.1966.19.1.115.

as inscrições provenientes dos termos de partida são intrometidas em Vinícius, o que dificulta em absoluto a apropriação metabólica de tais inscrições. O recalçamento, que traria uma ordem ao psiquismo, está comprometido, de forma que o do menino se dá principalmente pela via do transtorno. Esse fracasso na fundação da tópica direciona a análise para um tratamento de ligação, como já ilustramos com as diversas brincadeiras narradas.

O segundo fracasso pode ser localizado a partir do “Momento 5”, quando Vinícius começa a medir forças com as irmãs. É nesse ponto que me indago se esse seria um efeito dos primeiros encontros de Vinícius com a alteridade, o que representaria um ganho para sua estruturação. Em seguida, o garoto me conta de quando a diretora disse a ele que seria um ladrão, do rompante de agressividade que teve e do grande mal-estar gerado. Essa passagem ilustra o segundo fracasso: contrariado com as profecias, o menino reage violentamente. Isso produz uma situação sem saída: a força que usa para se contrapor às vozes que o acusam é mais uma vez utilizada para enquadrá-lo como um garoto violento e impossível. Vinícius está sem saída; a violência é seu único lugar possível de existência. Os movimentos que ele faz no sentido de notar e reparar os estragos que acaba cometendo não têm força. Mas ele tenta. Passa sessões brincando de consertar os estragos que os bandidos fizeram nas casas. Com as ferramentas, refaz portas e telhado. Começa também a brincar de proteger algumas bonecas de tanta destruição.

Porém, assim como toda criança, ele precisaria contar com a força proveniente do mundo adulto. Pegando emprestado suas palavras para nosso trabalho, Vinícius não quer “ser calminho”; quer ser “como ele é, e também quer ser educado”. Poderíamos dizer que as figuras adultas responsáveis pelo menino teriam o dever de educá-lo de uma forma que permitisse que fosse “como ele é”.

Em casos como o dele, em que a razão de análise será justamente a construção de um sujeito a partir de intervenções simbolizantes, mirando a fundação da tópica psíquica, apontamos a importância de voltar a atenção para o prazer compartilhado durante as brincadeiras entre analista e criança.<sup>2</sup> Tal prazer parece funcionar como um guia clínico central que indica quando algo de grande importância está operando. A brincadeira em que equilibramos a tampinha de panela nos dedos, nomeando cada um deles, produz júbilo. Esse colorido merece atenção, já que não se trata de um prazer qualquer, mas aquele que acusa o encontro entre duas existências. Analogamente, o

---

<sup>2</sup> Cabe aqui a seguinte observação: nesta pesquisa, debruçamo-nos sobre os casos de transtornos precoces, mas esses apontamentos também encontram reverberação quando estamos diante de processos não neuróticos em pacientes adultos.

nojo que eu sentia ao ver seu nariz escorrendo, a confusão e a exaustão que me tomavam ao final das sessões nos primeiros meses de tratamento também apontam para um psiquismo com um funcionamento precário.

Ao longo desta dissertação, propusemo-nos enxergar Vinícius a partir de outros óculos — qual seja, aqueles que o próprio garoto nos oferece ao contorná-los na sessão conjunta com a mãe. São lentes que buscam enxergá-lo mais de perto, a partir do que o próprio garoto nos apresenta sobre si. Quando conta à analista que não pode ser fraco, que “o pequeno carrega muita coisa”, conta também que precisa se apoiar em sua estrutura precária para a família não ruir. Preocupa-se com responsabilidades com que não tem maturidade para lidar, assim como os caminhões menores, que carregam uma carga maior do que podem aguentar. Por exemplo, uma das preocupações de Vinícius era não se atrasar para a escola.

Sem sucesso, a analista tenta contaminar os outros espaços de circulação do menino para que abram ao menos uma pequena fresta de desconfiança com relação à lente única usada para enxergá-lo.

Neste momento posterior, tempo em que a pesquisa está sendo realizada, vamos recolhendo da teoria novas articulações possíveis, novas formas de compreensão. Já demos algumas pinceladas na importância da construção da razão da análise para a decisão de qual estratégia clínica é a mais adequada. Também afirmamos, apoiados na teorização de Bleichmar, que um psiquismo como o de Vinícius não se beneficiaria de uma análise clássica aos moldes de desvelar o inconsciente recalcado, mas sim de intervenções analíticas como forma de engendramento de novos modos de produção simbólica. Na sessão conjunta de Vinícius com a mãe, ele conta para ela sobre uma descoberta que estávamos fazendo juntos: existem coisas que são ao mesmo tempo *de mentira e de verdade*. Essa não seria a própria definição de brincadeira? Parece que estávamos juntos descobrindo o brincar, capacidade fundamental no processo de neogênese.

Afirmamos que a estratégia clínica deve se pautar pelo que o analista compreende acerca da constituição do paciente. Ademais, quando o analista está diante de um psiquismo em processo de estruturação, já com entraves na fundação de seus andaimes, faz-se necessário rever a estratégia clínica no sentido de um tratamento de ligação. Precisamos sublinhar mais o seguinte apontamento: quando nos referimos às estratégias clínicas, não estamos nos referindo apenas às intervenções restritas ao par analítico.

Em casos como o de Vinícius, faz-se necessário um trabalho conjunto com família, escola, e outros espaços de circulação da criança. As intervenções também precisam acontecer no ambiente da criança quando este não oferece condições favoráveis para seu amadurecimento, a fim de tentar interromper os processos intersubjetivos desfavoráveis à subjetivação da criança.

A teoria poderia ter auxiliado a analista nas conversas com a escola de modo que os rumos tomados fossem outros? Pensamos que teria sido de grande importância quebrar o ciclo que colava a existência de Vinícius à violência. Segue uma passagem de “Clínica psicanalítica e neogênese” que talvez pudesse ter ajudado:

Como diria Lacan — mediante uma expressão que dá conta de um achado maravilhoso —, a pulsão é acéfala por definição: a pulsão não pensa, nem procura nada por si, é definida por um movimento de busca por satisfação, e o que se opõe a ela não provém do movimento pulsional mesmo, senão que advém de outro lugar. (Bleichmar, 2005, p. 49).

Ou seja, a pulsão por si mesma não buscaria nada mais do que sua própria realização, não havendo nada nela que a fizesse renunciar a seu destino. A pulsão busca a simples consumação da meta, a procura de descarga. Como não leva em conta o objeto e apenas busca o caminho mais curto de descarga, acompanhados por Bleichmar poderíamos propor na conversa com a escola a ideia de que a pulsão, mesmo produzindo destruições, seria acéfala, e não sádica. A busca por um caminho mais curto de descarga, que é tomada de modo apressado como comprovação de uma delinquência, é justamente o que se altera devido aos diques e às barreiras que impossibilitam a descarga imediata. Tais diques e barreiras necessariamente têm sua origem no exterior, daí a importância constitutiva das relações criadas entre o garoto e a escola. O encontro com a escola, quando bem aproveitado, é demasiado potente.

Voltemos para o objeto central de nosso trabalho, a discussão sobre como se constitui o inconsciente infantil na sua relação com as determinações parentais que se inscrevem das mais variadas formas. No caso de Vinícius, os endereçamentos parentais atuam de forma patológica, contribuindo para um psiquismo invadido por excessos não passíveis de metabolização, como já foi proposto. Dessa forma, a constituição de um aparelho psíquico ordenado pelo recalque originário está obstaculizado.

Propusemo-nos, na presente pesquisa, a fazer um caminho de idas e vindas entre os casos clínicos e a teoria. A pergunta central do trabalho foi despertada pela minha experiência nos

diversos contextos de atendimento com crianças que realizei. Minhas indagações encontraram diálogo com a fértil teoria das origens de Silvia Bleichmar, teoria essa que aprofundamos ao longo da dissertação, sempre orientados por nossa questão teórica central: de que modo se inscrevem e retranscrevem os elementos provenientes do adulto das origens que afetam o sujeito? Estivemos acompanhados pelo Caso Vinícius e através dele procuramos tornar vivo e arejado um percorrido complexo metapsicológico. Por fim, com as articulações entre teoria e material clínico, buscamos aprofundar compreensões clínico-teóricas.

A título de conclusão, faremos agora um último retorno à teoria.

Silvia Bleichmar nos apresenta uma teoria que tem como um dos pressupostos centrais a ideia de que o outro humano é o instituinte da subjetividade. Para ela, o aparelho psíquico é aberto às inscrições provenientes do real externo não só nos primeiros tempos, mas ao longo da vida.

Bleichmar certamente concordaria com a seguinte citação de Laplanche: “O ser humano não cessa de ser autotradutivo, autoteorizante [das inscrições do real externo que não cessa de receber]. O recalçamento originário é apenas o momento primeiro e fundador de um processo que dura toda a vida” (Laplanche, 1988, p. 121, acréscimo nosso).

Propusemo-nos a caracterizar esse outro humano, aquele instituinte da subjetividade, o qual chamamos de “mãe” ao longo do trabalho. Essa figura parental se ocupa de uma dupla função nos cuidados com o bebê: ao mesmo tempo que libidiniza o corpo da criança, produzindo aumento de excitação e fundando o pulsional, precisa dar as condições para que tal excitação seja digerida, processada e escoada pela cria ainda sem um aparelho que dê conta de fazê-lo. A dupla função exercida pela mãe pressupõe que ela seja provida de um ego e também seja atravessada pelo sistema inconsciente. É a clivagem do adulto das origens que fará com que envie a todo momento mensagens contraditórias, ao mesmo tempo excitantes e apaziguantes, ao bebê. Esses movimentos são imprescindíveis para a fundação do inconsciente, a qual se dará a partir do recalque originário que instalará a diferença entre as tópicas sobre o entramado de base.

A relação entre o adulto das origens e a criança é marcada por uma assimetria fundamental, já que a mãe, atravessada pelo seu inconsciente, transmite nos cuidados corporais que dedica ao bebê um *plus* de sexualidade. Este é lançado no mundo sexual adulto, o que opera com caráter traumático, já que da ordem dos excessos, e também enigmático. Esse processo originário, o da sedução, que corresponde à implantação do adulto, é inicialmente vivido de maneira passiva pelo bebê. Como vimos, os movimentos ativos são secundários.

Como propõe Bleichmar, a criança é parasitada pelas representações inconscientes que chegam do inconsciente e do ego maternos, o que poderia produzir angústia no sentido de tentar evitar tal parasitação, como se a mãe fosse responsável por aquilo que parasita o filho. Porém, tais representações não podem ser dominadas, porque, como já foi dito, são inconscientes (Bleichmar, 2005, p. 85):

Na medida em que estas representações são efeito de processos de desarticulação e de rearticulação singulares na constituição da subjetividade (quer dizer, efeitos de metábola do discurso-desejo do semelhante), o sentido não pode ser buscado em outro lugar — nem sequer do lado da mãe — já que se trata de um “sentido ignorado para si mesmo” na medida em que o outro desconhece o caráter [ambivalente e enigmático] das mensagens emitidas, não possui a chave do código com o qual foram inscritas. (2005, p. 57, acréscimo nosso).

Essa parasitação de inscrições que vem dos diferentes sistemas da mãe não são inicialmente nem inconscientes recalcadas nem conscientes, “inscrevem-se em terra de ninguém”, caem como signos de percepção, e em um momento posterior se retranscrevem. Só quando forem contrainvestidas se fixarão no inconsciente. Se a passagem ao pré-consciente é recusada, serão inconscientes no sentido do recalcado.

Certas inscrições, efeitos de traumatismos severos, não atingem o estatuto de inconscientes e ficam entregues a uma circulação ameaçadora para a tópica psíquica, cuja estabilidade põem em risco. Estas representações, em seu estatuto de manifesto mesmo que nem por isso consciente, obrigam a um tratamento de ligação, mais que de “des-recalcamento”, na cura, como vimos com Vinícius.

Portanto, acompanhados por Bleichmar, sustentamos que não é a mãe que se inscreve no inconsciente da criança, nem seu desejo, mas algo que passa desqualificado, metabolizado, efeito de processos de excitação que a cria humana tenta dominar, ligar, retransformar. Esse processo secundário, ativo, de busca de sentido e de simbolizações por parte da cria humana depende do caráter das relações estabelecidas com suas figuras parentais. Podemos afirmar, a partir do nosso arcabouço teórico, que o que se inscreve no inconsciente é um material estrangeiro tanto aos adultos quanto às crianças. Ao longo da pesquisa, percorremos as condições para que esse material seja reapropriado como terreno fértil para a constituição de um psiquismo capaz de construções criativas, e também buscamos entender quais os sinais de que essas condições não estão sendo suficientemente alcançadas.

Neste trabalho, nossa intenção sempre foi deixar espaço para uma reflexão insaturada e aberta, sem sobrecarga de sentidos. Se por um lado isso traz o risco da insuficiência, por outro é o que permitiria uma conversa criativa com o leitor, base para futuras transformações e arejada o suficiente para impulsionar sua continuidade.

Deixaremos as últimas palavras para a autora que nos permitiu abrir brechas e questionamentos, ao mesmo tempo que não nos deixou desamparados na completa escuridão, e também não nos cegou com excesso de luz:

Não há nada mais angustiante para um analista do que se deter frente a um enigma, a um outro que não tem resposta. [...] O problema é como articular um claro-escuro para não ficarmos totalmente engolidos pela escuridão. A teoria tem a virtude de evitar a escuridão; mas ao mesmo tempo é na escuridão do enigma onde se desenham as fraturas que nos permitem pensar. (Bleichmar, 2005, p. 57).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONELLO, D. F.; HERZOG, R. A memória na obra freudiana, para além da representação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 64, n. 1, pp. 111-121, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672012000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100009&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 06 dez. 2022.

BLEICHMAR, S. **Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BLEICHMAR, S. **A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a.

BLEICHMAR, S. Do discurso parental à especificidade sintomática na psicanálise de crianças [1994b]. *In*: Rosenberg, A. M. S. (Org.). **O lugar dos pais na psicanálise de crianças**. São Paulo: Escuta, 2002, pp. 133-165.

BLEICHMAR, S. Entrevista com Silvia Bleichmar. [Entrevista cedida a] FERREIRA, J. C.; MOLLOY, C. **Psychê**, São Paulo, v. 8, pp. 193-203, 2001a. ISSN: 1415-1138. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30700814>. Acesso em: 06 dez. 2022.

BLEICHMAR, S. Reportaje a Silvia Bleichmar. [Entrevista concedida a] PERNICONE, A. **Fort-Da**: Revista de Psicoanálisis con Niños, Buenos Aires, n. 4, ago. 2001b [versão online]. Disponível em: <https://www.fort-da.org/reportajes/bleichmar.htm>. Acesso em: 06 dez. 2022.

BLEICHMAR, S. **Clínica psicanalítica e neogênese**. São Paulo: Annablume, 2005.

BLEICHMAR, S. As condições de humanização. *In*: MELGAÇO, R. G.; FERNANDES, C. M. (Orgs.). **A ética na atenção ao bebê: psicanálise, saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, pp. 15-25.

BLEICHMAR, S. As condições da identificação. *In*: BLEICHMAR, S. **Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos**. Tradução R. C. Brandini e M. C. Perdomo. São Paulo: Zagodoni, 2015a, pp. 69-98.

BLEICHMAR, S. Do motivo da consulta à razão de análise. *In*: BLEICHMAR, S. **Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos**. Tradução R. C. Brandini e M. C. Perdomo. São Paulo: Zagodoni, 2015b, pp. 15-28.

BLEICHMAR, S. Estatuto do histórico em psicanálise. *In*: BLEICHMAR, S. **Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos**. Tradução R. C. Brandini e M. C. Perdomo. São Paulo: Zagodoni, 2015c, pp. 61-66.

BLEICHMAR, S. Simbolizações de transição: uma clínica aberta ao real. **Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos**. Tradução R. C. Brandini e M. C. Perdomo. São Paulo: Zagodoni, 2015d, pp. 31-58.

CARVALHO, M. T. M.; RIBEIRO, P. C. R. Silvia Bleichmar e a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, v. 15, 2007 (edição especial), pp. 13-20.

DITTMAR, M. C. V. M. Narcisismo transvazante: sobre a singularidade do encontro adulto-criança na origem e na situação analítica. *In*: BRANDANI, R. C.; M. C. PERDOMO (Orgs.). **Campos clínico, educacional e social: o pensamento de Silvia Bleichmar**. São Paulo: Zagodoni, 2018.

FERENCZI, S. Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. *In*: FERENCZI, S. **Obras completas: Psicanálise IV**. Tradução A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 97-106. [Original publicado em 1933.]

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, pp. 347-454. v. 1. [Original publicado em 1895.]

FREUD, S. Totem e tabu. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990, pp. 11-125. v. 13. [Original publicado em 1913.]

FREUD, S. Pulsões e seus destinos. *In*: FREUD, S. **Edição das obras completas de Freud**. Tradução P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 51-88. v. 12. [Original publicado em 1915.]

FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904**. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986. [Original publicado em 1896.]

LAPLANCHE, J. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [Original publicado em 1987.]

LAPLANCHE, J. **La prioridad del otro en psicoanálisis**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

LAPLANCHE, J.; LECLAIRE, S. O inconsciente: um estudo psicanalítico. *In*: EY, H. (Org.). **O inconsciente**: VI Colóquio de Bonneval. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1960 [Texto original publicado em 1969.]

MASOTTA, O. (Org.). **El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.

MELLO, A. B.; VETTORAZZO FILHO, H.; PERDOMO, M. C. Prefácio dos tradutores. *In*: BLEICHMAR, S. **Clínica psicanalítica e neogênese**. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, G. C. S. **Do recalque originário aos signos de percepção**: contribuições de Silvia Bleichmar à psicanálise. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI:10.11606/D.47.2019.tde-10092019-151840. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-10092019-151840/publico/moraes\\_me.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-10092019-151840/publico/moraes_me.pdf). Acesso em: 06 dez. 2022.

PERDOMO, M. C. Signos de percepção, indícios e simbolizações de transição: o legado de Silvia Bleichmar. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, v. 15, 2007 (edição especial), pp. 39-48.

ROSENBERG, A. M. S. A constituição do sujeito e o lugar dos pais na análise de crianças. *In*: Rosenberg, A. M. S. (Org.). **O lugar dos pais na psicanálise de crianças**. São Paulo: Escuta, pp. 45-78, 2002. [Original publicado em 1994.]

ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. Teachers' Expectancies: Determinates of Pupils' IQ Gains. **Psychological Reports**, v. 19, n. 1, pp. 115-118, 1966. DOI: 10.2466/pr0.1966.19.1.115.

VIGUERA, A. El caso de Silvia Bleichmar: una recepción argentina del psicoanálisis francés contemporáneo. **Palavras**: Revista de Epistemología, Metodología y Ética del Psicoanálisis, v. 5, pp. 1-37, 2019. Disponível em: [www.revistas.unlp.edu.ar/palavras](http://www.revistas.unlp.edu.ar/palavras). Acesso em: 06 dez. 2022.

ZORNIG, S. A. A sexualidade infantil. *In*: ZORNIG, S. A. **A criança e o infantil em psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2000.